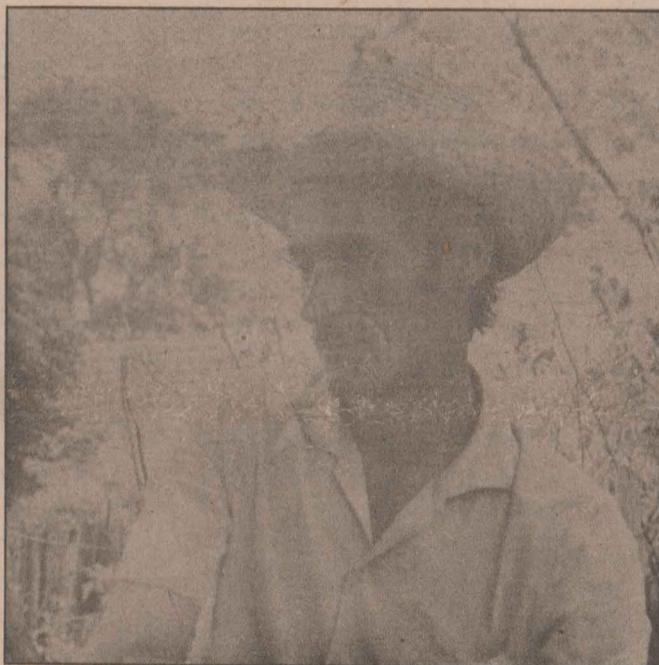


QUANDO A TERRA É POUCA. QUAL A SOLUÇÃO?

Nesta edição estamos iniciando um debate sobre um tema que os agricultores acham que precisa de uma imediata solução: a falta de terra. Publicamos nas páginas 6 e 7 as opiniões de dois agricultores, de dois educadores e um engenheiro agrônomo.



Evaldo Stoke



Antonio Alzani

PRODUTORES RECEBEM RESPOSTAS DO LEITE

Página 20

O MATO GROSSO COM A CHEGADA DA COTRIJUI

Páginas 10 e 11



Lutzenberger:

“ASSIM, A AGRICULTURA PODE ACABAR”

O presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente, José Lutzenberger, numa entrevista ao Cotrijornal diz de suas preocupações sobre a agricultura brasileira e o meio ambiente em geral. E mais: Lutzenberger também envia um pedido a todos os agrônomos brasileiros. Páginas 8 e 9.



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Erwin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarrello, Flávio Sperotto e Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração
Rua Floriano Peixoto, 559
Telefone: 2033
98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do Município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável
- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e
Acari Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

COMÉRCIO E FUMO

Venho recebendo regularmente o Cotrijornal, sob sua capaz e dinâmica direção.

O último número que lí (49), referente a janeiro de 1978, é deveras ilustrativo, na totalidade das matérias apresentadas. A análise dos resultados da Cotrijornal no ano de 1977, e nas projeções para 1978, feita pelo Presidente Dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, é de entusiasmar. O nosso "poderoso" comércio, não conseguirá vencer a Cotrijornal, mas urge que ela não durma. A luta contra o "fumo", os tais "cigarros", vai mobilizar poderosos inimigos contra a Cotrijornal. Esclarecendo os cooperativados e seus dependentes contra os males do uso dos cigarros, presta a eles, a meu ver, um excepcional serviço, maior do que os resultados materiais do cooperativismo, pois defendendo está a sua saúde, sem a qual não se pode viver e produzir. Dilatando-se para vários Estados do Brasil, a Cotrijornal se torna, e já o é, uma grande Cooperativa Brasileira.

Parabéns, caro Raul Quevedo, pelo sucesso do Cotrijornal, órgão que instrui e educa, e nos dá notícias do que está fazendo a Cotrijornal em benefício, não só dos cooperativados, como também de grande parcela do nosso povo.

Avante na luta, com novas vitórias, é o que, em agradecimento, e com votos de saúde e felicidades, lhe deseja o patrício.

Felicíssimo de Azevedo Aveline, Gen Bda Ref. Porto Alegre, RGS.

CURVAS DE NÍVEL

Onde está a lei que disciplina a construção racional das curvas de nível, no sentido de proteger os lindeiros deste mal e que tantos problemas tem causado a agricultura?

Ante as queixas quase que diárias dos prejudicados, perguntamos a quem cabe as providências, no

sentido de coibir o abuso, arma legal dos que querem à vingança, ou a desforra.

A propriedade, que se torna o estuário dos mal-dosos, quase sempre tem compromisso a cumprir. Como justificar a baixa rentabilidade que transformada em espécie não é suficiente para atender compromissos oficiais? Caberia as Cooperativas a observância do critério racional, pois me parece ser a Cooperativa, o associado, e este prejudicando outro que é também a Cooperativa não estaria arruinando seus próprios resultados?

Caberia ao Banco financiador vigiar, fiscalizando no sentido de proteger seus investimentos.

Caberia a quem a responsabilidade de proteger a sagrada propriedade rural dos predadores insatisfeitos que não desejam ver seus semelhantes realizados, satisfazendo simplesmente seus anseios a atos que não pactuam com os preceitos normais associativismo de honestidade, fraternidade e moral.

Deveriam ser punidos por quem? A quem caberia a tarefa? Aparentemente ninguém é atraído pela importância do assunto, mas sentir a rixa secular arraigada no espírito desta gente é fácil observar que o problema se reveste de grande importância, pois em suas implicações compromete o dinheiro investido, a capacidade moral de criar riquezas, a cooperação, elo importante na formação do cooperativado e a plenitude geral do uso de seus direitos e assumir deveres, porém sacrificados e destruídos pela ação de uma lei moral que cabe a todos os homens, mas não sendo lei punível obstrui a propriedade, a família e a sua própria Cooperativa.

ÊNIO GONÇALVES
LEONARDO - Ijuí

UM COMPANHEIRO

Durante os anos que estive fora do nosso país, nos Estados Unidos da

América do Norte, estudando e trabalhando para a obtenção do Doutorado em Agronomia na Universidade de Wisconsin-Madison, o COTRIJORNAL foi meu companheiro sempre presente, mensageiro dos pagos distantes. Sempre apreciei muito essa publicação e a lei do início ao fim.

Agora, já de volta a nossa terra gaúcha, trabalhando como professor e pesquisador do Departamento de Fitotecnia da Faculdade de Agronomia da UFRGS, gostaria de continuar recebendo o COTRIJORNAL no seguinte endereço: JOSÉ ANTONIO COSTA - Faculdade de Agronomia - Av. Bento Gonçalves, 7712, Cx. Postal 776 - 90.000 - PORTO ALEGRE, RS.

Atenciosamente
José Antonio Costa -
Professor Assistente do
Depto. Fitotécnico -
UFRGS - Porto Alegre-RS

REPRESENTAÇÃO

Tenho em mãos um exemplar da publicação de V.Sas. - COTRIJORNAL - cedido pelo sr. Kramer, gerente de propaganda da CIBA-GEIGY.

Atuando no ramo da publicidade há muitos anos na praça de São Paulo, gostaria de poder representá-los juntos aos anunciantes daqui, fato que muito me honraria profissionalmente.

Antecipadamente grato pela atenção, firmo-me com elevada estima e distinta consideração.

Cordialmente,
Thiago Lacerda de Oliveira
São Paulo

N. da R. - Agradecemos os conceitos referentes ao "Cotrijornal". Sobre seu interesse em representar o Jornal, o mesmo já vem sendo representado comercialmente por Alpes Representações Ltda. nas praças de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

COTRIJORNAL E RANCHO

Recordo a Vossa Senhoria com a finalidade principal de solicitar-lhe a inclusão do meu nome entre os recebedores dos jornais:

- a) COTRIJORNAL;
- b) RANCHO.

Com esta finalidade, agradeço antecipadamente a atenção de Vossa(s) Senhoria(s), e aproveito a oportunidade para expressar-lhe(s) meu particular entusiasmo a estas publicações, pois, ambas serão de enorme valia.

Professor Econ. Herculano Asconavieta - Santana do Livramento - RS

Sentiríamos honrado se pudéssemos receber mensalmente o COTRIJORNAL.

Atenciosamente
Wirley Jerson Jorie
FLORIANÓPOLIS SC

Em face do interesse que nos despertou a edição do COTRIJORNAL de janeiro de 1978, vimos manifestar nosso desejo de passar a receber os demais exemplares.

Caso nosso pedido seja atendido, gostaríamos que os exemplares fossem enviados aos cuidados do Sr. César Eduardo Lindenmeyer.

Desde já agradecemos sua atenção

Engº Agrº César E.
Lindenmeyer - Porto Alegre - RS

Sou estudante do colégio agrícola Daniel de Oliveira Paiva, situado em Cachoeirinha, pretendendo este ano concluir o curso.

Em dezembro de 1977 tive a oportunidade de realizar um curso de cooperativismo, promovido pela Fundação Gaúcha do Trabalho. Este curso despertou-me grande interesse sobre o referido assunto, razão pela qual escrevo solicitando receber, se possível, o Cotrijornal, que, de acordo com o que fui informado refere-se ao cooperativismo.

Marcus Vinícius -
São Jerônimo - RS

Reforma agrária, reorientação da produção e fortalecimento das cooperativas

O que se poderá esperar para a agricultura brasileira nos próximos anos? Um novo modelo agrícola?

O certo é que 1978, que teve um início caracterizado pelos comentários políticos em torno da sucessão do novo presidente e das eleições para deputados e senadores, também vem reservando uma boa parte na discussão dos problemas da agricultura brasileira.

Após uma breve discussão, isolada, sobre Reforma Agrária, como um meio para solucionar os inúmeros problemas no campo, passou-se a falar em termos gerais sobre a necessidade de um novo modelo agrícola para o Brasil.

Mas como deveria ser esse novo modelo agrícola? Baseado na produção de alimentos e visando principalmente o mercado interno, acreditamos.

Aqui vale recordar as recentes palavras do presidente da Sociedade Rural Brasileira, Renato Filho: "É inacreditável que o Brasil seja considerado o celeiro do mundo e o segundo exportador mundial de produtos agrícolas e se ver na iminência de importar carne, café, leite, trigo".

Pois é isso que acontece. E não é preciso mostrar mais nada para deixar às claras inúmeros problemas que existem nesse atual modelo agrícola, que segundo muitos técnicos está baseado apenas na improvisação. Por um lado se estimula o agricultor a plantar trigo e soja, principalmente através das cooperativas, que lhes prestam as facilidades de crédito até a assistência técnica. Mas na hora de vender, o agricultor se depara, por exemplo, com um confisco que vai resultar num menor preço para o seu produto.

Afora isso, a maioria dos agricultores vem de duas frustrantes safras e agora já se pode falar numa terceira, com a diminuição dos rendimentos na atual safra da soja.

Esse mesmo cultivo permanente (trigo e soja) é que os técnicos apontam como o principal fator da perda da fertilidade do solo. É também de onde parte a crescente necessidade da aquisição de maquinário e a dispensa de mão-de-obra que vão provocar o êxodo rural e inúmeros problemas nos centros urbanos.

A solução tem que ser buscada no próprio meio rural e ao nosso ver atacando, ao mesmo tempo, em três frentes: Reforma Agrária, reorientação da produção e fortalecimento das cooperativas.

Hoje o maior problema dos agricultores é a falta de terra. Como exemplo, pode servir a própria região da Cotrijui, onde predomina o minifundiário, como uma média de 16 hectares de terra. O que faz o agricultor nessa situação? Ele é obri-

gado a plantar em toda a sua área o trigo e a soja, pois são os únicos produtos que possuem estrutura de comercialização e industrialização, e no final não recebe um lucro financeiro compensador, devido aos altos investimentos que necessita, como de insumos, maquinário, além da insegurança do rendimento da própria planta e as variações de preço do produto.

Por isso, além de uma redistribuição de terra, através da Reforma Agrária, há também necessidade de uma reorientação da produção. E isso a Cotrijui já vem executando nos últimos anos, dentro de um amplo programa, visando a diversificação da produção dos seus associados agricultores. Um programa, que segundo o presidente da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva, "nasceu da própria necessidade dos associados, sem nenhuma imposição de ninguém".

O que seria essa diversificação de produção? O associado produzirá de acordo com o tamanho de sua propriedade e a disponibilidade de mão-de-obra. Por exemplo, um agricultor com 10 hectares de terra e quatro filhos, poderá criar gado e produzir leite ou criar porco e plantar milho, pois assim valorizará a mão-de-obra e com poucos investimentos poderá ter um bom lucro financeiro. Nunca deverá plantar em toda a sua área apenas o trigo e a soja.

Mas para executar esse programa de diversificação, a Cotrijui terá que oferecer aos associados todos os meios de recebimento, de comercialização, de industrialização e de transporte de seus mais diferentes produtos. E a Cotrijui vem procurando, aos poucos, alcançar esses objetivos para garantir melhores condições de vida aos seus associados.

Essa nova orientação de produção, cremos, que apenas poderá ser efetivada através das cooperativas que têm mostrado, em diferentes partes do País, toda a sua eficiência. É sem dúvida nenhuma, a cooperativa que está realizando, hoje, a união mais perfeita: agricultor, técnico e terra.

Uma recente reportagem publicada na Revista Veja, de São Paulo, apontou a distância que existe entre os tecnocratas de instituições e técnicos (agrônomos e técnicos agrícolas) dos agricultores. Apenas nas cooperativas, e Veja citou o exemplo da Cotrijui, é onde existe o contato diário dos agrônomos e técnicos na própria propriedade do agricultor.

Um novo modelo agrícola, ao nosso ver, terá que seguir esses rumos, que repetimos: Reforma Agrária, reorientação de produção e fortalecimento das cooperativas.

A UNIÃO PERFEITA NA COOPERATIVA: AGRICULTOR, TÉCNICO E TERRA

É nas cooperativas que os agricultores se conscientizam dos seus problemas e recebem as informações, desde simples conselhos até as novas tecnologias agrícolas.

*Nedy Rodrigues BORGES



As atividades agropecuárias no mundo capitalista tem sua individualidade na propriedade privada ou particular. E esta propriedade para acompanhar o desenvolvimento de nossos dias precisa estar organizada em forma empresarial. Aqueles que não seguem este caminho aos poucos vão sendo tragadas pelo processo produtivo.

A cada dia que passa estamos assistindo a descoberta de novos produtos, equipamentos e técnicas. Estamos assistindo a uma transformação do mundo em que vivemos. E a velocidade dessa transformação é cada vez mais rápida. Em razão desse aspecto é que queremos chamar a atenção para a importância dos setores de comunicação, educação e assistência técnica das cooperativas, que poderia ser chamado simplesmente de "assistência cooperativa". Estes setores são o elo de ligação entre as descobertas da pesquisa e o produtor. Portanto, o produtor que está ligado a assistência cooperativa dispõe de informações suficientes para ajustar o rumo de suas atividades, na busca da racionalização e do desenvolvimento.

É evidente que cabe a assistência cooperativa uma responsabilidade muito grande na seleção dessas novas descobertas e a maneira adequada de sua implantação, procurando ajustá-la a realidade de cada produtor. Também cabe a essa assistência procurar levar aos órgãos de pesquisa os problemas dos produto-

Nas propriedades ou nas reuniões conjuntas, o contato dos técnicos e educadores com os agricultores, afim de procurar as alternativas de solução. E aqui queremos ressaltar a importância deste trabalho na escolha das alternativas de solução. Ela deve estar muito mais na dependência da estrutura econômica do produtor do que simplesmente de uma questão técnica. Como exemplo queremos citar o uso de herbicidas. Hoje, praticamente existe herbicidas para todos os inços. A pesquisa mostra dados importantes sobre sua eficiência, inclusive seus custos. Mas aqui cabe uma pergunta: a assistência técnica sempre deverá recomendar o uso de herbicidas? É evidente que não. A maioria dos pequenos produtores que normalmente tem reduzida incidência de inços e muita mão-de-obra familiar, devem procurar fazer o controle mecânico desses inços, através de capinas. Dessa maneira, estarão valorizando a sua própria mão-de-obra e evitando os resíduos de herbicidas que sempre ficam no solo.

Já na propriedade maior, ou na área bastante inçada, o herbicida deverá ser recomendado, mesmo que seja em parte. É dentro dessa filosofia que as cooperativas estão organizando os seus serviços de assistência. Os próprios produtores, conscientes de suas necessidades, estão apoiando a estruturação desses setores, afim de poderem receber uma completa assistência.

Essa assistência cooperativa poderíamos chamá-la de integral porque ela é a mais ampla e ágil possível.

Tem início com um trabalho de educação de base, realizada conjuntamente com os Sindicatos de Produtores e Trabalhadores Rurais. As pequenas cooperativas desenvolvem esse trabalho através do Departamento Técnico, enquanto outras já possuem um setor especializado de comunicação e educação.

Através desse trabalho inicial, a cooperativa fica conhecendo, direta e indiretamente, todos os problemas dos seus associados. Posteriormente os problemas mais urgentes e as alternativas de soluções são levadas aos associados para conhecimento, debate e sugestões. Este procedimento que procura dar ao associado um conhecimento completo dos problemas e das soluções, transforma o associado num participante de sua organização. A medida que aparecem as soluções, o entusiasmo aumenta e o associado se transforma num elemento cada vez mais ativo e participante. Como decorrência, a direção da cooperativa deve estar preparada para ser mais exigida e para também dar continuidade a esse trabalho, fortalecendo e apoiando as equipes de campo.

É importante que os problemas cuja solução não depende da cooperativa, e sim do governo, não venha prejudicar o entusiasmo do associado. Como exemplo citaríamos os problemas da área, de saúde, da estrutura fundiária, além de outros.

O crescimento e organização das cooperativas de produção, em todos os seus setores, é devido, fundamentalmente, a atuação decidida de seus associados. Enganam-se aqueles que pensam que no setor comercial o passado poderá voltar. Hoje, mais do que nunca, os tempos mudaram e o produtor está consciente dos problemas que enfrenta.

A assistência técnica especializada, por sua vez, procura estabelecer programas de desenvolvimento integrado, visando criar novas alternativas de produção. E todos esses programas começam e terminam dentro da própria cooperativa, buscando eliminar os intermediários entre o produtor e o consumidor.

Assim, a assistência cooperativa, dentro desta filosofia, que tem por base a educação do produtor e sua família, tem se destacado entre os outros tipos de assistência prestada por entidades oficiais, autárquicas ou particulares. Hoje o número de elementos envolvidos nesse trabalho - comunicadores e técnicos - tem crescido rapidamente.

É importante que as autoridades governamentais responsáveis pela assistência técnica conheçam mais detalhadamente esse trabalho, pois só assim poderão apoiá-lo, ao invés da criação de órgãos paralelos.

*Nedy Rodrigues BORGES
Eng. Agr. diretor do Dept^o
Técnico da COTRIJUI.

LIDERANÇAS QUEREM SISTEMA FORTALECIDO

O cooperativismo brasileiro inicia o ano com duas fortes proposições, visando o fortalecimento da filosofia cooperativista.

Uma entidade de apoio técnico, administrativo, gerencial e uma empresa nacional de comercialização. Essas duas conquistas estão bem perto de serem alcançadas pelo sistema cooperativista brasileiro, depois da reunião realizada em Brasília, no dia 18 de janeiro último, da qual participaram 20 representantes de cooperativas.

O ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli, e o presidente do BNCC, Marcos Pessoa Duarte, que conduziram os debates, ressaltaram que "embora as duas sugestões tenham sido apresentadas pelo Governo, a concretização depende exclusivamente das cooperativas, porque não há interesse governamental de administrar os empreendimentos". Alertaram, porém, para a oportunidade de realizá-las, pois em ambas as entidades viriam suprir as deficiências ora registradas nos setores que pretendem atuar.

APOIO AO SISTEMA

Denominada inicialmente de Fundação Nacional de Desenvolvimento do Cooperativismo (FUNDECOOP), os estatutos dessa entidade serão elaborados por uma comissão, a qual se reunirá, em Brasília, de 14 a 16 de fevereiro próximo. Vão integrar este grupo de trabalho representantes da Organização das Cooperativas Brasileiras, INCRA, Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A., Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, Associação de Orientação às Cooperativas do Paraná, Instituto Técnico de Santa Catarina e Superintendência do Desenvolvimento do Cooperativismo de Minas Gerais.

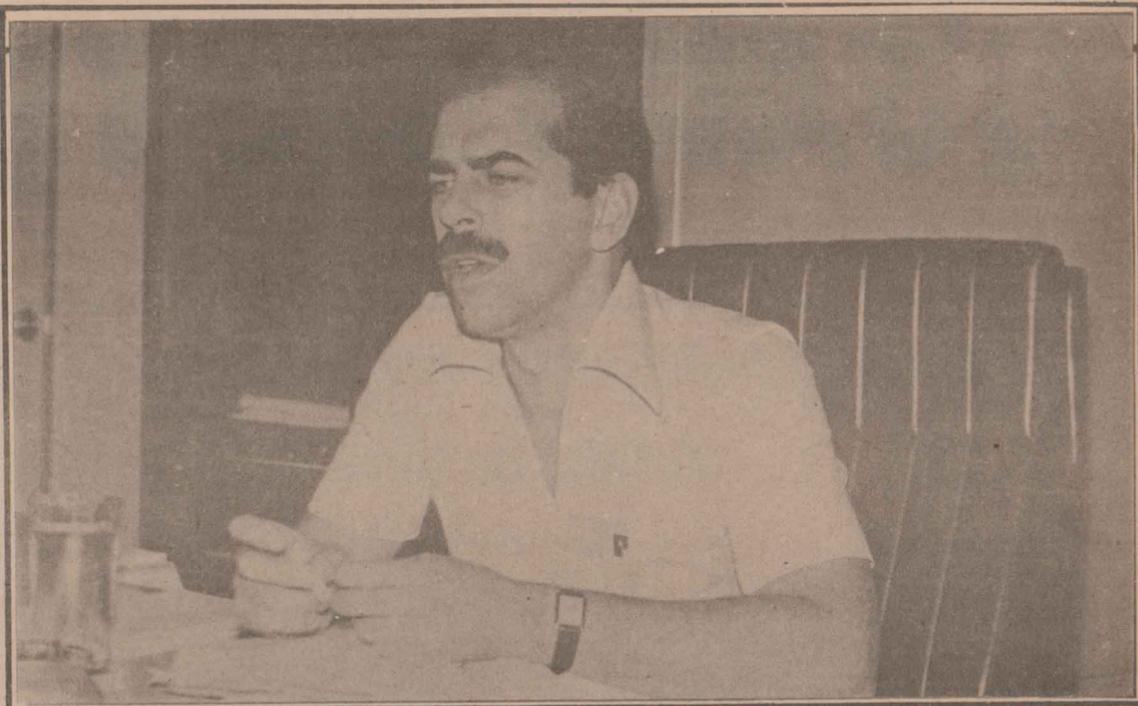
Segundo o ante-projeto apresentado para estudos às lideranças cooperativistas, as principais finalidades da FUNDECOOP seriam, entre outras, as seguintes:

Prestar serviços de assistência às cooperativas, através de Consultoria, auditoria, elaboração e avaliação de projetos; proceder à capacitação de recursos humanos, tanto de técnicos que prestam serviços ao cooperativismo como líderes, dirigentes, funcionários e associados de organizações do sistema; orientar e assessorar processos de cooperativização com vistas à criação de entidades cooperativistas, objetivando o incremento à expansão do cooperativismo brasileiro; proporcionar orientação creditícia articuladamente ao estabelecimento de crédito cooperativo às instituições bancárias que operam no setor.

COMERCIALIZAÇÃO

Quanto à empresa de comercialização, as cooperativas irão formular as suas sugestões ao Ministério da Agricultura — até o dia 15 de fevereiro. A partir daí, e com base em estudo já realizado pelo Ministério e o BNCC, diversos técnicos irão discutir, a nível regional, com as lideranças cooperativistas, sobre a viabilidade das diversas alternativas levantadas durante a reunião. Assim, por exemplo, serão examinadas as propostas de constituição de uma ou mais empresas de comercialização; fortalecimento das estruturas existentes para garantir maior participação no mercado externo — seja na exportação de produtos, seja para importação de insumos básicos.

RECONHECIMENTO AO COOPERATIVISMO



O presidente da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva.

"Mais um reconhecimento pelo o que vem realizando o cooperativismo". Assim, o presidente da Cotrijui, engenheiro agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, recebeu o convite para integrar um grupo de empresários brasileiros que acompanhou o presidente Geisel na recente visita ao México.

Essa viagem do presidente Geisel objetivou, principalmente, estreitar as relações do Brasil e o México e discutir entre os

empresários dos dois países os diferentes produtos que poderão entrar em negociações, como na petroquímica, alimentação e siderurgia.

Na parte de alimentação, a soja, o farelo de soja e também o óleo de soja tiveram destaques, onde o presidente da Cotrijui teve forte participação nos debates. "Voltei convencido do interesse do governo e dos empresários mexicanos de uma aproximação maior com o Brasil", escl-

receu Ruben Ilgenfritz.

A Cotrijui, em particular, desde 1976 vem realizando transações comerciais, principalmente com a Conasupo — empresa estatal encarregada de todas as compras de alimentos e que repassa as matérias primas para as indústrias do País. Agora, novos contatos poderão ocorrer durante esse ano, também com outras empresas mexicanas, principalmente na parte de alimentação.

COTRIJUI REUNIU PROFESSORAS DE D. PEDRITO

O setor de comunicação e educação da COTRIJUI, juntamente com a diretoria de ensino do município de Dom Pedrito, realizaram uma recente reunião com o professorado da cidade e zona rural, nas dependências da Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Participaram do encontro 96 professores e esteve presente a diretora de ensino do município, professora Marília Maia, além do responsável pelo setor de comunicação e educação da COTRIJUI em Dom Pedrito, Ivo Bazílio, e do técnico agrícola Nery Malmann.

Tendo se constituído no primeiro encontro dessa natureza com o magistério pedritense, Ivo Bazílio discorreu sobre o se-



Ivo Bazílio fala as professoras.

tor de comunicação e educação, dizendo das finalidades que tem dentro de uma cooperativa e da necessidade de contar com o apoio comunitário para alcançar os objetivos comuns aos produtores cooperativados. Esclareceu a intenção da COTRIJUI em estender para a região de Dom Pedrito, agora que o setor foi implantado, a mesma dinâmica de parti-

cipação junto às escolas, através de cursos sobre cooperativismo, encontros excursões.

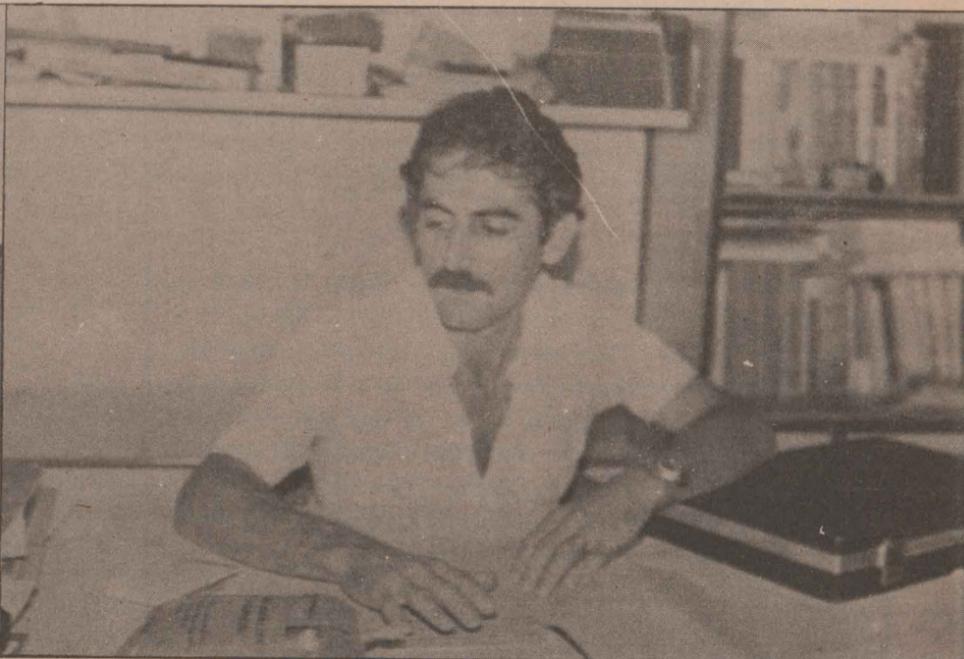
Nesse particular, a diretoria de ensino franqueou as portas para a COTRIJUI, e já a partir desse ano o setor de comunicação e educação terá participação ativa, conjuntamente com os professores que atuam nas escolas rurais.

QUANDO A TERRA É POU

A falta de terra é hoje o maior problema para os agricultores. Aqui debatemos esse assunto entre agricultores e técnicos da Cotrijui.



Osório Marques



Renato Borges de Medeiros

Professor Osório Marques, sociólogo, professor da FIDENE e o que mais incentivou a formação dos chamados "núcleos de agricultores" na região da Cotrijui.

"Qual a maior riqueza dos agricultores de pouca terra? É a mão-de-obra. Então é preciso haver uma organização dessa mão-de-obra, que acredito pode ser feita com as cooperativas. O que não pode acontecer é essa mão-de-obra ficar isolada, sem força e organização.

Eu conheci muito bem as experiências nesse sentido na Itália. Lá umas 10 famílias, por exemplo, compram juntas um pequeno terreno e passam a cultivar um pomar, com diferentes frutas, e os custos e os lucros são repartidos entre as famílias. Essa é uma atividade em que os custos de maquinário e insumos são menores e há maior aplicação da mão-de-obra.

Agora, poderíamos realizar essa experiência aqui na nossa região? Poderíamos. Mas também temos que pensar na estrutura que isso exige, como os meios de recebimento, comercialização e industrialização de todos os produtos dos agricultores, que também poderia ser feito através da Cooperativa.

Essa idéia eu acho que deve ser lançada entre os agricultores para eles discutirem, analisarem. Pode-se chegar a bons resultados".

Antonio Alzani, proprietário de 9 hectares em Dr. Bozano em Ijuí.

Eu tenho a minha pouca terra. Mas também trabalho junto com meu pai que tem 35 hectares. Não é fácil, porque somos em mais dois irmãos. O que fazer? O jeito é ir forcejando, forcejando, até que um dia dê para comprar um pouco mais de terra. Aqui na região da Cotrijui eu

sei que não é fácil de encontrar. Quanto ao preço nem é bom falar. Mas para fora, em outros municípios, ainda se pode encontrar um pequeno pedaço de terra, sem muito dinheiro.

Ir para a Amazônia? Olha, eu não conheço aquilo. Eu precisava ter visitado para dizer alguma coisa, como fizeram muitos dos meus companheiros, inclusive o meu vizinho. Mas eu acho que aquilo não é o bicho, pelo menos para mim. Porque eu só tenho um filho pequeno. Isso não acontece com o meu vizinho, o Anatalino dos Santos, que tem quatro filhos já crescidos e está animado a ir para a Amazônia. Agora se ele for para lá, vamos ver se temos condições, com financiamento, de comprar os 16 hectares de terra dele. Então, nós dois podemos tirar vantagens disso: ele que parte para mais terra e eu que somo um pouco mais. Se não for assim, os pequenos nunca saem do chão.

Por isso eu acho que essa ida

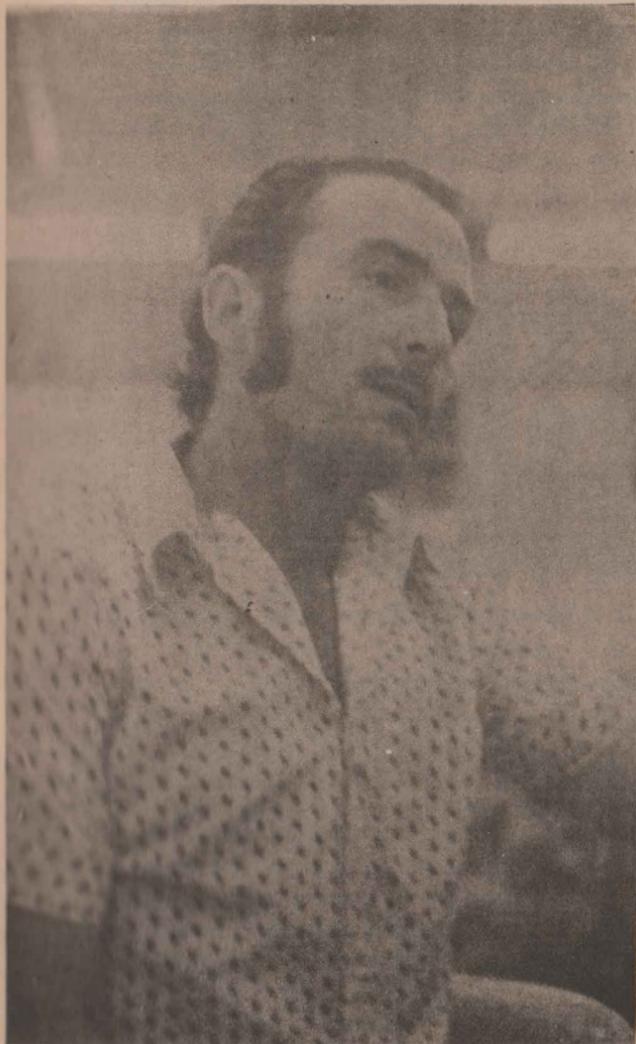
de agricultores da Cotrijui para a Amazônia precisam ser bem controlada, para que as terras dos pequenos fiquem mesmo com outros pequenos, não nas mãos daqueles que têm até demais".

Rui Polidoro, responsável pelo Departamento de Educação e Comunicação da Cotrijui.

Tem que se partir para uma política global do Governo que poderá ser feita em torno das Cooperativas. E as primeiras palavras tem que ser Reforma Agrária. É preciso mexer na estrutura fundiária para se ter o máximo possível de propriedades médias, onde os agricultores poderão realizar a produção de grandes culturas, como o trigo e a soja, e diversificar com hortifruti-granjeiros, gado e aves.

Mas também não será simplesmente entregando terra aos agricul-

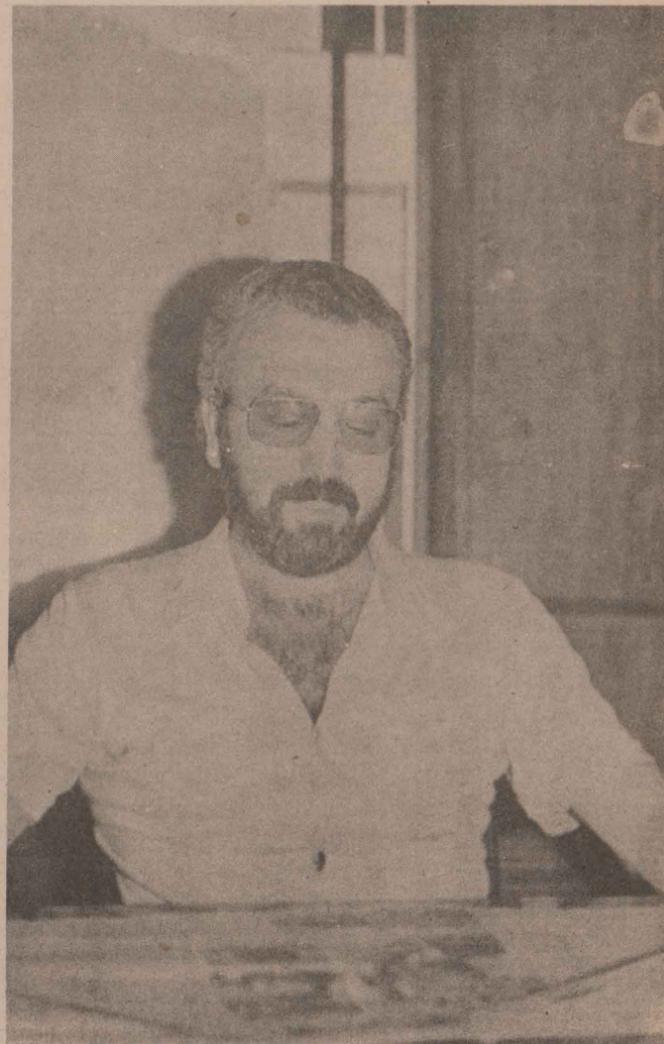
CA. QUAL A SOLUÇÃO?



Antonio Alzani



Evaldo Stoke



Rui Polidoro

tores que vamos resolver todos os problemas do campo. Antes deverá ocorrer uma forte conscientização e preparo desse pessoal para lidar com a terra. Isso poderá ser realizado com eficiência pelas Cooperativas.

Temos um bom exemplo aqui na região de como se pode mexer na estrutura fundiária. A Cotrijui está realizando este projeto de colonização da Amazônia. Claro, não será uma grande solução, porque vai atingir uma pequena parcela dos minifundiários da região. Mas o pequeno agricultor que for para a Amazônia, segundo o projeto, vai ter que vender a sua terra para um vizinho (ou lindeiro) com pequena terra. Então é uma solução viável que trará benefícios a muitos agricultores. Mas ainda acho que uma Reforma Agrária, por parte do Governo e juntamente com as Cooperativas, seria uma solução mais abrangente e de maiores resultados.

Evando Stoke, proprietário de 6 hectares no Rincão dos Tigres (Ijuí).

Por enquanto vai se passando. Trabalho também um pouco para fora. Alguém me empresta o trator e eu devolvo com o meu trabalho e dos dois filhos pequenos. Mas quando os meus cinco filhos ficarem grande e precisarem de terra o que eu vou fazer? Comprar mais terra é quase impossível.

Então, eu só tenho um caminho. E nem que eu e a mulher precisemos lutar contra o diabo, vamos dar estudo para todos os filhos. Porque é quase certo que eles vão ter que tentar a vida na cidade e precisam de estudo. Não quero o que aconteceu com os meus irmãos que ficaram na cidade, sem estudo.

Eu continuo aqui lutando. Enfrentando muitas dificuldades. E muitas vezes penso em ir para a ci-

dade, tentar a sorte. Mas depois eu penso bem: ir para cidade, ganhar um salário, ter que pagar aluguel. Eu acho que será ainda pior. Aqui pelo menos tenho a minha casa, os filhos estão estudando e também me ajudando no trabalho.

Renato Borges de Medeiros é engenheiro agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijui.

"A saída não é fácil. É muita complexa. O início teria de ser uma melhor distribuição de terras entre os agricultores. Enquanto isso não acontece, o que se pode recomendar aos agricultores de pouca terra é a utilização do que eu chamaria de "lavouras domésticas".

Quero dizer que o agricultor deveria se dedicar a culturas como o milho, sorgo, aveia, centeio, pastagens. Isso em função da criação de gado leiteiro, suínos ou de aves. O cultivo de hortaliças e frutas tam-

bém podem se constituir em alternativas viáveis, mas para tudo isso, deverá ter uma produção programada, com eficientes esquemas de comercialização.

Poderíamos chamar a essas atividades de um "sistema integrado de produção", onde o produtor pode obter o máximo de lucros por unidade de área. Esse sistema se caracterizaria fundamentalmente por uma combinação de atividades que dependem uma da outra.

O que não pode ocorrer, e que com facilidade pode ser visto, é o agricultor com 10 a 15 hectares de terra, dedicar toda a sua área a plantação de trigo e soja. Isso vai levar ao esgotamento do solo, sem um rendimento ideal da planta, e o produtor não terá um lucro compensador, em vista dos altos custos de maquinários que exigem a soja e o

Então, em pequenas áreas, onde a mão-de-obra é abundante, o agricultor precisa usar essa sua força em atividades diárias, como o leite.

Ele é ecologista e engenheiro agrônomo. Largou um emprego de 40 mil dólares por ano e até xingou a mãe de um secretário estadual para defender o meio ambiente. É contra, entre outras coisas, da poda e pintura das árvores, da aplicação indiscriminada de defensivos e da agricultura empresarial. Tem resultados uma luta dessas? Sua resposta: "Se eu me encontro nadando num mar infestado de tubarões a 20 km da costa, depois de um naufrágio, a chance de eu alcançar a terra é muito pouca. Mas nem por isso vou deixar de nadar. É isso que agora estou fazendo". Seu nome:

LUTZENBERGER

COTRIJORNAL — Em Ijuí, as árvores são podadas todos os anos. Várias vezes o senhor falou que isso prejudica a árvore. Que danos traria para as árvores a poda anual?

LUTZENBERGER — A poda é uma mania que veio não sei de onde. Em Porto Alegre nós acabamos com a poda depois de muita luta e agora você pode ver como as ruas estão bonitas. Em nosso meio é difícil a gente ver uma árvore de rua em bom estado, desenvolvida de acordo com suas próprias leis. Quase todas estão doentes, com troncos mortos ou parcialmente apodrecidos, de maneira a impedir a cicatrização e recuperação.

COTRIJORNAL — Os responsáveis pela poda argumentam que ela é necessária para impedir que os galhos esbarrem nos fios de eletricidade...

LUTZENBERGER — Se aceitarmos esse argumento, muitas vezes apresentado, de que é necessário defender os fios elétricos do contato com as árvores, para evitar curtos circuitos, ou de que haveria problema de umidade junto às casas, verificamos logo que mesmo em ruas sem fio, ou do lado em que não há fio, ou onde não pode haver problema de umidade, a violência da agressão é sempre a mesma. Em princípio, nenhuma árvore precisa de poda. Se assim fosse todos os bosques naturais se acabariam sozinhos. Quanto mais livremente uma árvore consegue desenvolver-se, mais bela e sã ela será, e tanto mais tempo viverá. Quando houver necessidade da retirada de galhos e troncos importantes em uma árvore adulta, para defender um fio ou uma fachada, o trabalho terá que ser feito dentro de uma técnica especial. Os galhos e troncos serão retirados de tal maneira que possa haver cicatrização no lugar do corte e que a árvore possa recuperar-se. Agora, essa mutilação violenta, maciça que fazem é um absurdo, uma imbecilidade.

COTRIJORNAL — No interior também se usa pintar de branco os troncos das árvores. Isso também prejudica a árvore?

LUTZENBERGER — É outra imbecilidade. Mal não faz, mas não tem nenhum sentido. É uma demonstração de alienação. A pessoa que faz isso está demonstrando que não pode ver uma árvore em seu aspecto natural, ela quer ver ali a mão do homem. Além disso é feio, anti-estético.



Olívio Lamas/veja

"Já podemos ver um colono de Santo Ângelo, Ijuí, que viaja, 30, 40 quilômetros em seu fusquinha para comprar ovos na cidade. Isso é um absurdo. Só estão plantando soja e trigo"

COTRIJORNAL — Numa entrevista a uma rádio de Porto Alegre o senhor afirmou que "se deve ao pensamento econômico moderno, onde os demais seres são vistos como objeto simplesmente, a destruição do meio ambiente". O que o senhor quis dizer exatamente com isso?

LUTZENBERGER — O que eu quis dizer é que o homem ocidental tem uma ética antropocêntrica, uma ética que só inclui as relações homem-homem ou homem-Deus, se ele ainda for cristão ou muçulmano. Se ele é ateu ou comunista, digamos, só inclui o relacionamento homem-homem. Mas o relacionamento homem-natureza está fora da nossa ética. Então, nas culturas e civilizações não-ocidentais isso não é assim. No budismo por exemplo, o homem se sente parte de uma grande sinfonia, onde todos os seres estão dentro da ética humana. E foi só por isso que essa sociedade industrial-suicida que nós estamos vivendo hoje surgiu na Europa e não na Índia ou China ou mesmo na Amazônia. O Índio tem 30 mil anos dentro da floresta amazônica e ele não é mais burro que o francês, o inglês, o alemão, o português. Por que ele não fez em todo esse tempo uma sociedade industrial como a nossa? Porque ele tem um enfoque bem diferente do mundo. Ele é animista e o animista tem uma visão unitária das coisas. Ele se sente parte de um grande contexto. E eu não posso querer destruir esse contexto. Agora, se eu me considero dono do mundo, então eu passo a querer mecher em tudo. A minha atitude passa a ser a do dominador. No fundo, nós somos um desastre filosófico.

COTRIJORNAL — De acordo com o ecólogo francês René Dumont o problema ecológico é iminentemente político, pois vivemos num regime onde o objetivo principal é o lucro. Sendo assim para acabar com o problema teríamos de mudar a mentalidade do regime. O senhor é comumente criticado por não atacar o problema em toda a sua profundidade.

LUTZENBERGER — Mas é o que nós atacamos. O que acontece é que essas pessoas que me criticam não lêem as nossas coisas, só conhecem os fragmentos mutilados que saem na imprensa. Se eles lessem o nosso Manifesto Ecológico (1) saberiam que o nosso pensamento é bem outro. Veja bem: a causa fundamental do problema

ecológico está no modelo econômico. No Manifesto Ecológico se vê que fundamentalmente a nossa principal preocupação é a política. O que nós criticamos principalmente são os modelos econômicos, causadores dos problemas ecológicos.

COTRIJORNAL — A Agapan (2) tem conseguido algumas vitórias?

LUTZENBERGER — Muitas. Em primeiro lugar, consideramos uma vitória a consciência ecológica que está crescendo entre a população. Os próprios governantes já estão reconhecendo isso e criando órgãos como a SEMA (Secretaria Especial do Meio — Ambiente) em Porto Alegre e muitos outros. São órgãos que na verdade não estão fazendo nada de concreto ainda, mas a sua criação já significa um reconhecimento público para o problema ecológico, coisa que há dez anos atrás teria sido utópico. Já conseguimos uma série de vitórias, sendo a mais recente, só para mencionar uma, foi que nós conseguimos evitar a dessalinização das lagoas de Laguna, em Santa Catarina, onde o governo estava determinando a fazer barragens para dessalinizar as lagoas. Isto seria um desastre ecológico indescritível. A nossa luta evitou que isso acontecesse. Mas ao lado das vitórias também tivemos grandes derrotas e aí surge o aspecto mais trágico da nossa luta: as nossas derrotas são sempre definitivas. O que se perdeu, se perdeu para sempre. Já as nossas vitórias são provisórias. O que se salvou hoje poderá voltar a perder-se amanhã. Mas isso não quer dizer que não se deva lutar.

“O que estamos fazendo hoje é destruindo a base de nosso próprio sustento”.

COTRIJORNAL — Especialistas do mundo inteiro vêem alertando a humanidade para a possibilidade de uma catástrofe ecológica...

LUTZENBERGER — Ela já está à vista. Já existe até. Olhe, lá onde eu passo parte da semana em Torres, aquela costa não tem nem cinco por cento da produtividade marinha que tinha há 30 anos atrás. Ora, os oceanos que os tecnocratas alardeiam como a fonte de proteínas do futuro, que irão salvar a humanidade, já está morrendo. Isso já é o começo do fim. Os oceanos já estão morrendo. O Rio Grande do Sul tem 600 quilômetros de praia. O que essas praias produziam em marisco branco, por exemplo, era uma coisa fabulosa. Pois bem, o marisco branco não existe mais, está em zero, acabaram com tudo. Quando isso poderia ser explorado racionalmente e produzir milhares de proteínas por ano. Quando eu tinha a idade de minha filha, que está com 8 anos, o Rio Grande do Sul estava coberto de ponta a ponta por florestas magníficas. Elas não existem mais. Estamos agora derrubando as últimas. Ora, se isso não é um desastre ecológico... Acontece que agora estamos retirando madeira da Amazônia, mas daqui a 20 anos nem isso vai ter mais. Veja o que aconteceu com os nossos rios, o Guará, o Tietê que se transformou numa cloaca fedorenta.

COTRIJORNAL — Quais seriam os reflexos dessa catástrofe ecológica?

LUTZENBERGER — A coisa vai estourar é do lado econômico. Já está se preparando uma crise energética. Essa crise energética vai significar o fim dessa sociedade de consumo em que vivemos hoje. Vai significar imensas crises econômicas. Haverá uma crise de alimentos nos próximos 20 ou 30 anos nesse planeta. Centena de milhões de pessoas irão morrer de fome, já estão morrendo hoje. E isso vai aumentar. Até o final do século vão morrer milhões, talvez um bilhão de pessoas de fome. A situação dos alimentos na humanidade está extremamente precária. Aí podemos fazer a seguinte consideração: toda essa gente não vai se retirar silenciosamente. Eles vão dar muito coice antes de ir embora. Isso quer dizer que estamos indo em direção a tremendas convulsões sociais. E as coisas só tendem a piorar. O pessoal não vai dizer: é um colapso ecológico. Eles irão falar em crise econômica, energética, de matérias primas, em crises sociais, em guerras.

COTRIJORNAL — Do ponto de vista da ecologia

A POSIÇÃO DO AGRÔNOMO

Os modernos métodos agrícolas, com suas monoculturas gigantes em base a maquinária sofisticada, pesada e cara, com os adubos e venenos sintéticos e seus tremendos insumos energéticos, isto é, a moderna agricultura empresarial que hoje os governos promovem com as multinacionais, tem como alvo, não a alimentação abundante e sadia das populações, mas a aceleração do fluxo do dinheiro para determinados centros de poder. Ela não é esquema de aumento de produtividade da terra, é esquema de dominação. Ela aumenta a concentração do poder. Esta é a razão da escolha destes métodos. (O Kolkhos e a granja estatal nos países que se dizem comunistas ou socialistas não é exceção).

Se as terras aráveis e férteis do Nordeste, em vez de produzir cana, estivessem dedicadas à produção de alimentos para as populações locais, o Nordeste ainda seria região de povo muito bem alimentado e de nível de vida aceitável para a grande média da população hoje carente. Mas se pretende plantar ainda mais cana, desta vez para movimentar automóveis e enriquecer ainda mais reduzido número de usineiros e empresas. A situação do povo aí e em outras regiões só poderá se agravar.

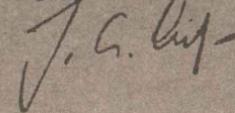
Em toda a parte estamos hoje destruindo o pouco de agricultura, ainda mais ou menos sã que nos resta para substituí-la por esquemas desta natureza que enriquecem os que já estão ricos e deslocam o verdadeiro homem do campo que acaba se marginalizando na grande cidade onde vai servir de mão-de-obra barata para o mesmo esquema industrial que o marginalizou.

Todo jovem agrônomo consciente e ainda idealista deve negar-se a deixar-se prostituir. O que necessitamos é uma inversão das tendências atuais. Deve ser incrementada uma agricultura mais camponesa, não de minifúndio, mas de propriedade média, com diversidade de cultivos e rotação de culturas, com manutenção da saúde da planta, do animal e do homem pelo cuidado esmerado da saúde biológica do solo e a manutenção de um máximo de equilíbrios naturais na paisagem agrícola.

Só assim conseguiremos garantir futuro para nossos filhos e para nossa nação. A grande agricultura empresarial é insustentável a médio prazo. Além de preparar graves e irreversíveis colapsos ecológicos ela não sobreviverá a crise energética e de matérias primas que se aproxima.

A tarefa do agrônomo honesto é preparar a transição.

J. A. Lutzenberger



há quantas anda o nosso Estado?

LUTZENBERGER — A situação em nosso Estado não é muito diferente do resto do país. O que nós estamos fazendo hoje é destruindo a base de nosso próprio sustento. A situação agrícola, por exemplo, sem falar no aspecto florestal, é que estamos promovendo apenas a agricultura empresarial, que é uma coisa insustentável. Ora, já podemos ver um colono de Santo Ângelo, Ijuí, que viaja 30, 40 quilômetros em seu fusquinha para comprar ovos na cidade. Isso é um absurdo. Só estão plantando soja e trigo. Estão desaprendendo o plantio do feijão, da batatinha, da mandioca, e se dedicando exclusivamente à produção de dinheiro. Mas no dia em que nós só tivermos dinheiro e nada para comprar, o dinheiro não valerá nada. A alimentação está cada vez mais escassa, menos variada e menos saudável do ponto de vista biológico. Tudo está contaminado. Veja a carne de galinha, os ovos que comemos hoje. É uma comida totalmente contaminada com antibióticos, hormônios, uma série de aditivos, todos eles venenosos. Olhe os nossos solos: estão sendo destruídos em toda a parte. Basta olhar a cor dos nossos rios. Por que eles estão vermelhos, barrentos? São os solos que nós estamos lavando. Essa agricultura empresarial, que nós estamos fazendo hoje, é uma rapina pior do que a rapina do caboclo que derrubava florestas. O que estamos fazendo com essa agricultura, chamada moderna, é muito pior: nós estamos destruindo os últimos restos de equilíbrio natural da paisagem, envenenando totalmente nossos solos, transformando-os em meros substratos inertes mineralizados, sem vida, que somente com doses maciças de adubos químicos ainda conseguem produzir uma planta com o metabolismo desequilibrado e que, portanto, é extremamente vulnerável a tudo quanto à praga. Então, vem as enxurradas de veneno em cima, a destruir ainda mais aquele solo. O trigo

já está se acabando. Eu não precisaria entender nada de agronomia para saber que esse tipo de tendência é suicida. Mais 20 anos com as coisas caminhando assim e nós estamos liquidados.

COTRIJORNAL — O senhor acha possível mudar a mentalidade lucrativista do homem moderno?

LUTZENBERGER — Nós temos um grande aliado que é o fato dessa crise econômica ter estourado mais cedo do que se esperava. Talvez isso seja muito bom. Quanto mais cedo estourar a crise, menos dolorosa ela vai ser. Mais tempo teremos para uma reavaliação de nossas atitudes. Mais chances teremos de partir para um caminho sã. Nós ainda temos chances, é por isso que estamos lutando.

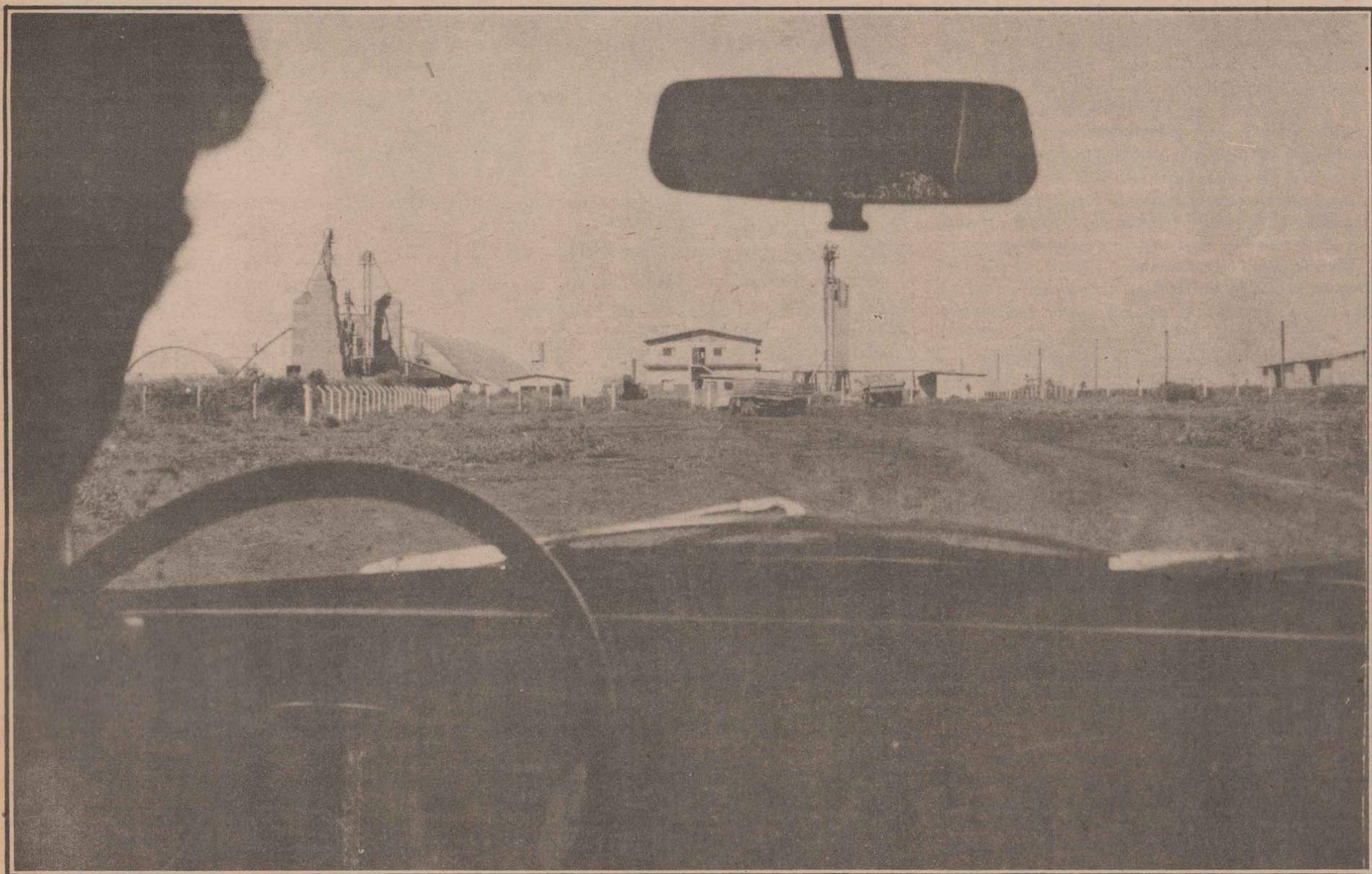
COTRIJORNAL — O senhor tem notado uma maior conscientização para o problema ecológico?

LUTZENBERGER — Nas autoridades relativamente pouco. Muito mais no público. Este sim está se conscientizando para o problema. Pelo menos o que se nota é que toda pessoa inteligente ou mais ou menos informada já se deu conta que a corrida é suicida. Ora, isso já é importante. Há algum tempo atrás todo mundo achava que o progresso era uma coisa fabulosa. Agora, a grande maioria já sabe que estamos indo para um mundo cada vez pior. Esse é o primeiro passo: a tomada de consciência. Se eu me dou conta que estou no caminho errado, isso é a coisa mais importante que eu posso fazer. Então, talvez eu tenha uma chance de abandonar esse caminho. Agora, as autoridades continuam persistindo nos mesmos enfoques suicidas de sempre.

1) O Manifesto Ecológico é um livro de José Lutzenberger, publicado em forma de jornal.

2) Agapan — Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente da qual Lutzenberger é presidente.

MATO GROSSO DO SUL:



A COTRIJUI chega ao Mato Grosso: mais um desafio ao cooperativismo brasileiro. Esta é a unidade de Maracaju

Com o desmembramento de 56 municípios do Estado do Mato Grosso, que pela Lei Complementar nº 31 de 11 de outubro de 1977, passaram a constituir um novo Estado, Mato Grosso do Sul, poder-se-ia dizer que para os brasileiros do sul pouca coisa mudou. Afinal, a região sempre foi distinguida do grande Estado como sul do Mato Grosso. No entanto, a sigla MS quer significar que a União ganhou um novo Estado, não só de direito, como também de fato. Com capital, governo próprio, efetivamente a partir de 1º de janeiro de 1979. Se é importante para os brasileiros colher informação sobre o novo Estado, tanto mais para associados da COTRIJUI que já opera no coração do Mato Grosso do Sul, através de suas unidades de Maracaju (sede), Sidrolândia e Rio Brillhante.

DESENVOLVIMENTO A CURTO PRAZO

O novo Estado, cuja capital é Campo Grande, se compõe de 56

municípios agrupados em sete microrregiões homogêneas. Dentre as justificativas que levaram a esse desmembramento, se apontam razões de ordem econômica, geográfica, política e administrativa. Dos mais de um milhão e cem mil km quadrados que constituíam o Estado de Mato Grosso, delineada a divisão as áreas ficaram assim distribuídas: Mato Grosso do Sul, 350.548 km quadrados; Mato Grosso (cap. Cuiabá), 880.821 km quadrados.

A região sul, segundo exposição de motivos de Ministros apresentada ao Presidente da República às vésperas de sancionar a Lei que criou mais um Estado, "apresenta excepcionais condições de desenvolvimento a curto prazo, em decorrência de vantagens de localização, integrada aos corredores de exportação da área de São Paulo e Paraná, e de suas potencialidades, em especial no setor agropecuário. "Com tais condições, e considerando a sua já significativa densidade

demográfica (4 habitantes por km quadrado), é que os matogrossenses do sul já arregaçaram as mangas com o objetivo de colocar seu Estado dentre os mais progressistas do Brasil. Segundo ainda o censo de 1970, a população de Mato Grosso do Sul seria de um milhão de habitantes, sendo que maior parcela, 547 mil, distribuídos na zona rural. Se aplicarmos a taxa de crescimento demográfico, que na região anda em torno de 8% ao ano, veremos que atualmente o Mato Grosso do Sul é bem mais habitado.

CAMPO GRANDE É A NOVA CAPITAL

Desde a promulgação da lei que criou o novo Estado, os campograndinos vêm assumindo a glória e o preço de se terem tornado capitalistas. Muito embora uma cidade já progressista, geograficamente privilegiada e se constituindo no segundo grande centro do Mato Grosso, Campo Grande agora enfrenta desafios que o tempo lhe impõe. À

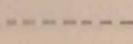
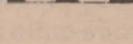
partir de 1º de janeiro de 1979, será sede de Governo Estadual. E para tanto, nesses poucos meses — principalmente após a escolha do Governador em fins de março — muitas obras terão que ser feitas com rapidez, para abrigar o "staff" administrativo. Aliado à já excelente arrecadação, Mato Grosso do Sul recebera uma injeção de recursos do governo da ordem de 600 milhões de cruzeiros.

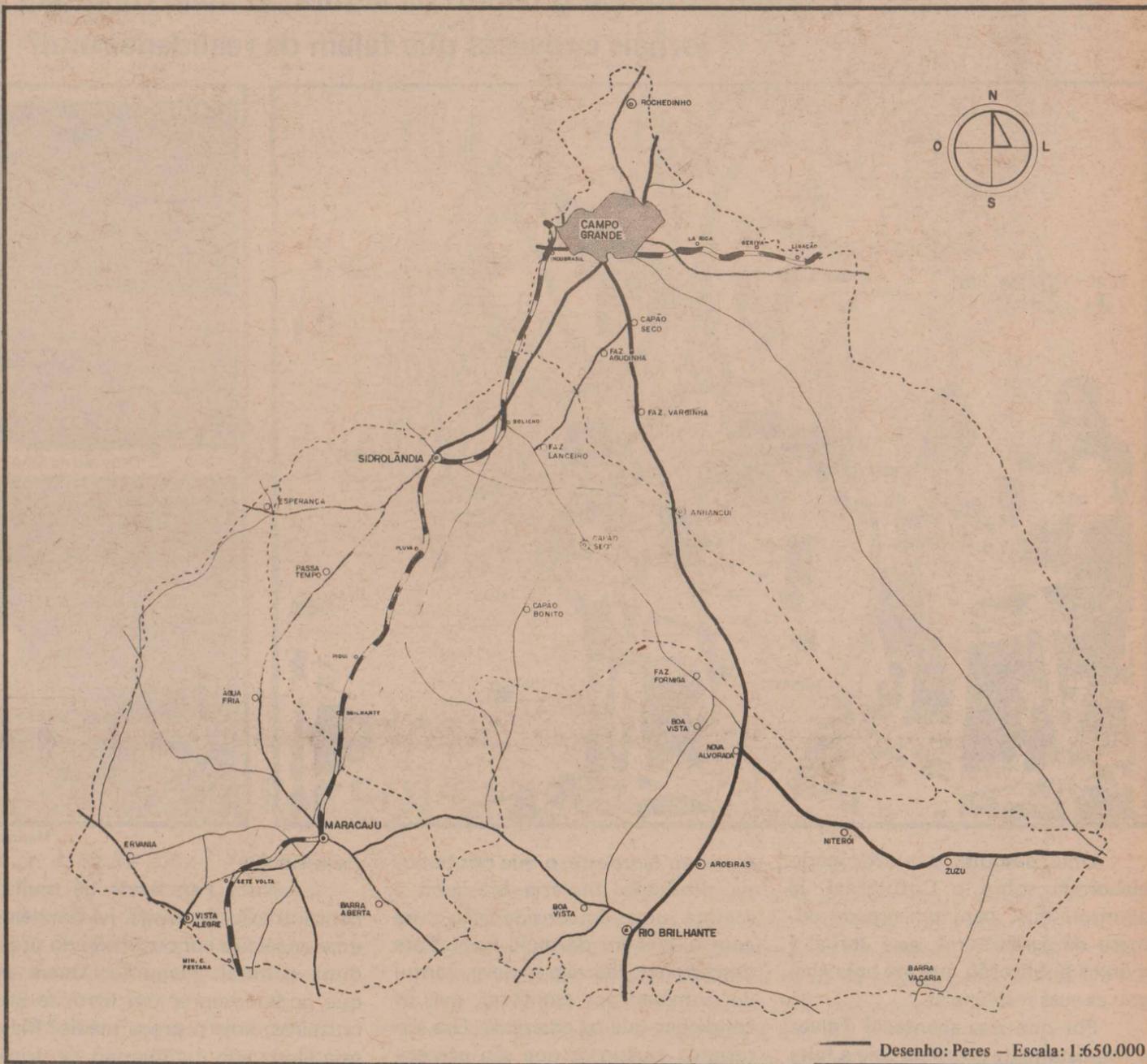
E afora a corrida imobiliária, decorrência de se tornar capital, e especulações de outra ordem, Campo Grande tem a oferecer ao visitante, suas ruas bem arborizadas e com pavimentação, parques e praças bem conservados, um centro universitário e estádio de esportes nacionalmente conhecido.

Dentre os entusiastas de Campo Grande, está o secretário municipal de educação, professor Arcilio Pimentel. Para a reportagem do COTRIJORNAL, recebida no gabinete do prefeito Marcelo Miranda Soares, contou ele que Campo Grande

O FUTURO É AGORA

AO LADO O MAPA DA ÁREA DE AÇÃO DA COTRIJUI NO MATO GROSSO DO SUL.

-  CAPITAL DO ESTADO
-  CIDADE
-  VILA
-  POVOADO OU GRANDE FAZENDA
-  DIVISA DE MUNICÍPIO
-  RODOVIA PAVIMENTADA
-  RODOVIA IMPLANTADA
-  RODOVIA SECUNDÁRIA
-  FERROVIA



conta com 23 mil alunos no 1º grau. Não bastasse esse significativo número, ele ainda exige do governo recursos para oferecer ensino gratuito de segundo grau, o que já vem ocorrendo em duas escolas. Segundo o professor, é injusto que uma criança potencialmente sadia e inteligente, deixe de estudar após a 8ª série, por falta de recursos. A prefeitura de Campo Grande, repassa uniformes e tênis para os alunos de primeiro grau, por preços simbólicos, além de complementar a merenda escolar das 23 mil crianças.

A COTRIJUI JÁ ESTÁ EM CAMPO GRANDE. Este o endereço do escritório: Rua Marechal Rondon, 1636 - sl. 203, 2º andar. Ed. COSMOS.

A REGIÃO COTRIJUI NO MATO GROSSO DO SUL

Coincidência ou não, o fato é que ao se definir a criação de um novo Estado, o de Mato Grosso do Sul, os associados da COTRIJUI e COOPEMARA, também se decidiram pela incorporação desta pela primeira, como já registrou nossa edição anterior do COTRIJORNAL. E assim, a filosofia cooperativista da COTRIJUI se implanta na região ao mesmo tempo em que os produtores assumem suas novas responsabilidades, diante da definição geopolítica da Lei complementar.

MARACAJU - A TERRA PROMETIDA

Assim como Ijuí é a Colmeia do Trabalho, Santo Augusto a Pérola da Região Celeiro, Maracaju, município sede da COTRIJUI no Mato Grosso do Sul é a Terra Prometida. Com cerca de 16 mil habitantes, 4.082 km quadrados, é o quarto município do Estado (sul e norte)

em arrecadação, vindo após Cuiabá, Campo Grande e Dourados. Mesmo diante de tal performance, não conta ainda com uma agência do INPS, muito embora as constantes reivindicações nesse sentido de seus administradores, como é o caso atual do prefeito Luiz Gonzaga Prata Braga. Nos seus quatro anos de governo, estabeleceu projetos prioritários dentro do trinômio educação, estradas e habitação. Nesse particular, somando aos poucos recursos da população pobre, a prefeitura está construindo mais de 300 residências populares, em terrenos doados pela municipalidade. Quem visita Maracaju logo percebe as vilas Margarida (175 casas) e Prateada (145), das quais mais de 140 já concluídas. Prata Braga, conhecedor das potencialidades de seu município, adotou o "slogan" é tempo de loucura. Ou seja: fazer o que é possível com o máximo de empenho e visando sem-

pre o bem comum. Para tanto, a própria prefeitura de Maracaju instalou uma fábrica de ciblocos e tubos, para emprego em obras como galerias de águas pluviais e construções.

Desnecessário seria afirmar que seu ponto forte está na produção agrícola (lavouras de soja e arroz). Segundo previsões de órgãos oficiais, na atual safra foram plantados 45 mil ha de soja e 52 mil ha de arroz em Maracaju.

A unidade central da COTRIJUI está localizada no km 4 da rodovia Água Fria, portanto bem próximo ao centro de Maracaju. Dotada de desvio ferroviário para escoamento de safras, e a 70 km do asfalto, em direção a Rio Brilhante, que com Sidrolândia completam a área de ação direta da COTRIJUI, num total de 1.726.000 ha, dos quais 90% aproveitáveis para agricultura mecanizada.

LER SIM. MAS O QUE?

Como estimular o hábito da leitura no meio rural sem livros, jornais e revistas que falem da realidade rural?



Deonísio da Silva culpa a "modernização do Brasil"...



Marina Boos a falta de bibliotecas.

Uma pesquisa que está sendo elaborada sobre o Cotrijornal, já apontou que, para um grande número de agricultores, este Jornal é a única publicação que até hoje chegou as suas residências.

Por que isso acontece? Talvez a resposta mais acertada seja a falta de publicações dirigidas para o meio rural. O Cotrijornal, por exemplo, foi o primeiro jornal de cooperativas lançado no Rio Grande do Sul (isso há seis anos atrás). Antes, nada era feito em termos de comunicação impressa para os associados agricultores das cooperativas gaúchas. Agora, já estão circulando, entre revistas e jornais, umas 10 publicações dirigidas especialmente para os associados de cooperativas.

O escritor Deonísio da Silva, chefe do Departamento de Letras da FIDENE em Ijuí, considera a insuficiência de uma produção literária orientada para o meio rural, principalmente de livros, como uma decorrência da chamada "modernização do Brasil".

— Da literatura romântica produzida por José de Alencar, por exemplo, onde a exaltação da natureza parece ser o traço principal, passando pela explosão do chamado romance dos anos 30, que tem lugar

e vez no Nordeste, o que nós temos na produção literária brasileira é sempre uma desconsideração para com o homem do meio rural. Esta desconsideração não se deve, contudo, somente aos escritores, mas às condições que os amarram. Ora são retratos tortuosos que são oferecidos ao homem urbano como cópias fiéis do que se passa no meio rural. Ora são transposições legítimas, mas orientadas para uma leitura urbana. Isso se deve, ao meu ver, a uma posição que tem percorrido a inteligência brasileira, que é a de considerar que o ambiente urbano é o lugar privilegiado da "cultura", enquanto o interior, o meio rural, é apontado como depositário da ignorância.

A verdade é mesmo que o brasileiro, em sua maioria, não lê. E os poucos leitores estão na cidade, às voltas com uma produção literária para a própria cidade. Existe a literatura de cordel, no Nordeste, mas é um fenômeno à parte. Aqui cabe a pergunta: Há condições para uma produção literária do meio rural e para o meio rural?

Deonísio da Silva também reconhece que o próprio modelo econômico e político protege esse tipo de insuficiência literária para o

meio rural.

— Num País onde há muita concentração de renda, há também uma excessiva concentração do produto cultural. Pergunto: Quem é que pode comprar um livro de 50 cruzeiros, hoje o preço médio? Mas essa ainda não é a questão tão fundamental. A meu ver, a popularização do patrimônio cultural do País requer outras formas de participação social. Uma sociedade que não é democrática, a cultura não é um bem de todos; é, como a renda, um benefício para alguns poucos.

SEMENTES DE LEITURA

Mesmo que não exista uma produção literária dentro da realidade rural, não se pode deixar de dar, principalmente às crianças, o hábito da leitura, mesmo que o conteúdo dessas leituras esteja muito longe de suas imaginações. Pelo menos é o que pensam muitas professoras rurais. E isso está se fazendo, como garante a professora Marina Bos, que leciona português na Escola Rural Pio X, no Salto, em Ijuí.

— Nós temos uma biblioteca, aliás é uma das poucas e a melhor da região rural. Mas mesmo assim, possuímos poucos livros e na maio-

ria estão fora do interesse das crianças. São livros infantis demais ou de conteúdo muito difícil.

Mesmo assim, Marina Bos sempre encontra uma saída para incentivar o hábito da leitura entre as crianças. Quando ela encontra um livro na biblioteca da escola ou mesmo quando compra um na livraria da cidade, que acha que poderá agradar os seus alunos, leva para a aula e faz leituras ou passa de mão em mão para cada aluno ler um pouco.

Marina diz que, de imediato, há apenas uma solução para desenvolver o hábito da leitura na zona rural: criar boas bibliotecas nas escolas.

— Pois temos que ter em mente que os pais dessas crianças, na quase totalidade, não possuem nenhum livro em casa e mesmo nunca leram nada. Então, como uma criança poderá ser estimulada a ler numa casa dessa? De nenhuma maneira. Assim, essa tarefa tem que ser da escola, principalmente na organização de bibliotecas, com livros de interesse rural, e a elaboração de trabalhos especiais pelas professoras. Ao meu ver, isso seria como se plantássemos novas sementes, para novos frutos.

SEPÉ TIARAJU: "ESTA TERRA TEM DONO"

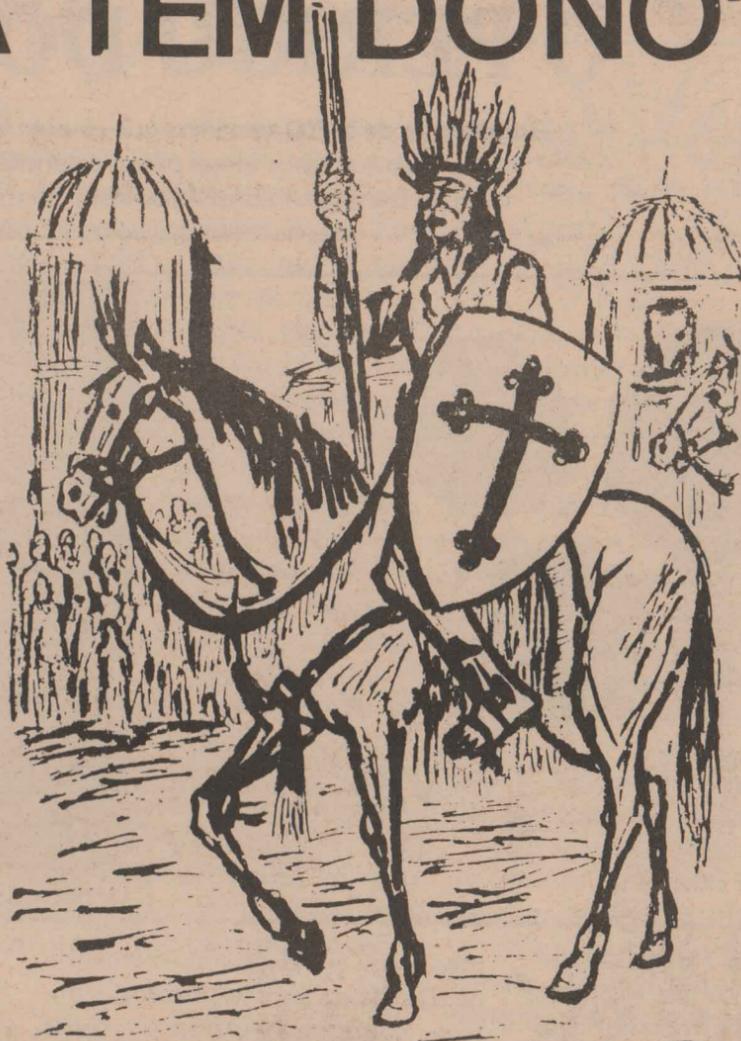
Nas missões dos sete povos nasceu um dia Sepé,
Trazendo uma cruz na testa, cicatriz sinal da fé
Quando o sol batia nele, essa cruz resplandecia
Por isso lhe deram o nome
Tiaraju, a luz do dia.

Quando o exército de Espanha e Portugal chegou aqui
Pra expulsar dos sete povos toda a gente guarani
Tiaraju que era cacique reuniu seus guerreiros
Sem medo dos canhões
Atacou só com lanceiros

Tiaraju morreu peleando no arroio Caiboaté
Mas depois noutro combate todos viram São Sepé
Que vinha morrer de novo junto à gente guarani
Pra embeber seu sangue todo
Neste chão onde eu nasci

Mais um valente guerreiro a morrer pelo seu pago
É por isso que seu nome pr'o Rio Grande é sagrado
São Sepé subiu pro céu, sua cruz ficou no azul
Cai a noite ela rebrilha
Ele é o Cruzeiro do Sul

São Sepé Tiaraju - Música Missioneira de Barbosa Lessa, com os Tapes; Música Popular do Sul 1, discos Marcus Pereira.



QUEM FOI SEPÉ?

Falar sobre Sepé Tiaraju é muito difícil. Há muitas contradições entre pesquisadores, folcloristas e curiosos, cada um procurando dar um colorido diferente em sua história. Muito e muito já se cantou Sepé Tiaraju e este foi, é, e será sempre tema principal ou inspiração principal para grandes poetas e trovadores por esse Rio Grande afora.

Quem foi Sepé Tiaraju? Antonio Augusto Fagundes diz que existem vários Sepés, ou melhor, que foram pesquisados três. Mas resumindo um pouco as pesquisas de muitos folcloristas, Sepé era o título que o índio recebia conforme se destacava dos demais. Era um título de brilhante guerreiro, o que fazia ainda maior sua pomposidade. Tiaraju era o nome da clã a qual pertencia o índio, e também para Antonio Augusto Fagundes como para nós folcloristas e tradicionalistas não existia o índio, e sim o primitivo. Também todo índio missioneiro recebia dos jesuitas, com o batismo o nome de um santo. O Sepé que nós mais conhecemos chamava-se José, José Tiaraju, o Sepé.

Este valente guerreiro era comandante do exército das missões, alferes real, corregedor de San Miguel Arcangel (um dos siete pueblos). Sepé era especialista em um tipo de escaramuça. Quando da presença no Rio Grande do Sul dos exércitos espanhóis e portugueses, as vacarias eram muito extensas e o gado abundante. Então esses exércitos se abasteciam de carne de reses abatidas por uma equipe de "changadores", carneadores, que iam a frente do exército e abatiavam o gado.

Que fez Sepé? Retirava todo gado que podia da linha

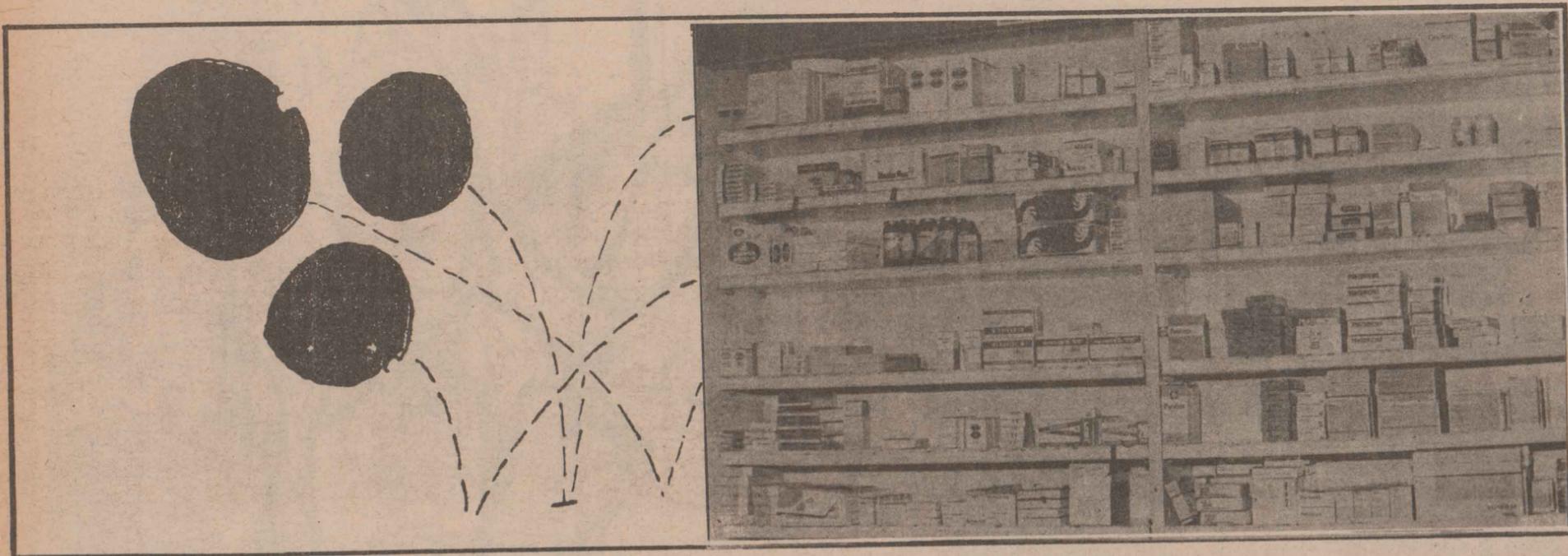
de frente dos exércitos portugueses e espanhóis e deixava sempre junto a um capão de mato uma pequena ponta de gado. Quando chegavam os carneadores, Sepé saía com seu exército de dentro do mato e dizimava esses soldados.

Mas esse tipo de guerrilha ficou sendo conhecida pelos comandantes dos exércitos e foi também preparada a Sepé e seus guerreiros uma emboscada. Certa vez foi destacada uma equipe de carneadores para fazer um abate, e esses homens foram seguidos de perto por uma pesada massa humana que compunha os dois exércitos. Quando Sepé saiu para o combate, foi emboscado, e com esta chacina Sepé recuou, mas não havia condições de retirada. Foi lanceado as costas por um dragão português (soldado treinado para combater a pé e a cavalo). Nesse momento passava por ali o governador de Montevideo, Dom Joaquim Vianna, e de cima do cavalo deu-lhe um tiro de garrucha na face. José Tiaraju, o Sepé, morreu as quatro horas da tarde do dia 7 de fevereiro de 1756, à margem esquerda do rio Vacacaí, hoje município de São Gabriel. Este é o resumo de alguma coisa que se conta e se houve de Sepé Tiaraju. Quanto ao poético lunar de sua testa, que hoje está grudado no céu, a história não conta. Conta sim, os proseadores, verseadores, poetas, historiadores e tantos outros. Por isso, reconheço que é difícil falar sobre Sepé. Mas digo que é importante, empolgante e apaixonante falarmos sobre José Tiaraju, o Sepé, porque enquanto existir na mente de cada gaúcho um Sepé Tiaraju "Esta terra tem dono". (Depoimento de Pedro Darci de Oliveira, poeta e folclorista gaúcho, especial para o Cotrijornal).



FAIXAS PARA ALERTAR O PERIGO DOS REMÉDIOS

Um número de 5.700 remédios que causam efeitos colaterais ou dependência psíquica, por lei, vão ter agora faixas pretas e vermelhas nas embalagens. Até que ponto essa nova lei trará resultados? A resposta de um dos médicos que mais tem trabalhado para a reformulação da indústria farmacêutica no Brasil.



No último dia 7 de janeiro entrou em vigor a Lei de Vigilância Sanitária. Essa Lei tornou obrigatória a apresentação nas farmácias ou laboratórios de receita médica para a compra de 5.700 tipos de remédios (de um total de 28 mil existentes no País).

Esses remédios quando apresentarem efeitos colaterais terão em suas embalagens listas vermelhas. Se causarem dependência física ou psíquica terão faixas pretas e a receita será retida pela farmácia ou laboratório.

Logo que entrou em vigor essa nova Lei de controle da venda de remédios, o secretário geral da Associação Médica do Rio de Janeiro (Amerj), Dr. Mário Victor de Assis Pacheco, que vem lutando há anos pela reformulação da nossa indústria farmacêutica, publicou um artigo no Jornal Movimento de São Paulo, afirmando a insuficiência da Lei. Eis o seu ponto de vista:

"A Lei de Vigilância Sanitária, no que diz respeito à venda de medicamentos sem necessidade de receita médica ou obrigados à mesma quando tarjados de preto ou vermelho, não terá maior influência sobre a automedicação. Porque os produtos farmacêuticos ditos populares — antiácidos, antidiarréicos, antigripais, analgésicos, antitérmicos e outros de venda livre e largo faturamento — continuarão a causar efeitos colaterais indesejáveis e alguns muito graves.

Os consumidores das dipiro-

mas mais vendidas, como a Novalgina, Dorflex, Commel, Beserol e outras, continuarão expostos a sérias complicações como a anemia hemolítica e a agranulocitose, muitas vezes fatal, além de terem agravados seus males preexistentes, os portadores de glaucoma, adenoma de próstata, ulcerosos do duodeno e estômago. Inadvertidamente, as gestantes no primeiro trimestre da gravidez prosseguirão usando, com graves riscos, quaisquer desses analgésicos e antitérmicos à base de dipiromas. As mães, desavisadas também, continuarão a dar esses medicamentos a seus filhos com menos de nove anos, já que as embalagens externas de tais produtos não há qualquer advertência de contra-indicações.

Os consumidores de Enteroviofórmio e mais duas dezenas de similares para tratamento de surtos benignos de diarreia continuam a correr o grave risco de sérias lesões do nervo óptico, inclusive cegueira. Isso motivou a retirada do produto do Japão e dos Estados Unidos há mais de cinco anos. No Brasil a venda de tal medicamento prossegue sem receita médica. A venda livre de antiácidos fará com que, em muitos casos, o diagnóstico e eficiente tratamento de úlceras do aparelho digestivo sejam adiados perigosamente graças ao efeito sedativo rápido do medicamento.

Os remédios julgados ineficazes pela Food and Drug Administration dos EUA, divulgados pela

Amerj, continuarão a iludir o doente que se supõe medicado. Enquanto a doença irá prosseguir e se agravar. As multivitaminas, totalmente desnecessárias, continuam à venda. A grande maioria sem necessidade de receita médica, iludindo os desnutridos por doença ou fome. E quase todas com as dosagens incorretas, conforme denunciou o professor Walter Leser, secretário de Saúde de São Paulo.

A existência de uma faixa vermelha na embalagem externa de numerosos medicamentos, diminuiria realmente o índice de automedicação se a lei fosse de fato cumprida. É fácil prever que, no interesse de lucros, não poucos donos de farmácias e drogarias farão "vista grossa" à falta de receita. Certamente, vez por outra, será feito flagrante de fornecimento de medicamento com faixa vermelha sem receita de médico e haverá naturalmente farta publicidade. Mas ninguém admite a possibilidade de fiscalização eficaz em todo o território nacional. Seria necessário um exército de fiscais agindo diariamente, para lavrarem autos de flagrantes: as receitas com faixa vermelha não ficam retidas nas farmácias para posterior controle, como sucede com as de faixa preta envolvendo muito menor número de produtos.

Apesar da faixa vermelha advertindo que o produto só pode ser fornecido mediante receita médica, nem sempre o consumidor estará melhor protegido. De modo algum

ela torna curativo ou terapêutico o medicamento ineficaz. Nem suprime os efeitos graves inerentes à fraude de tantos. As pílulas anti-concepcionais, pela nova lei, só podem ser fornecidas mediante receita médica. E daí? A faixa vermelha não terá o dom de impedir em certos casos o aparecimento de câncer da mama ou útero, de graves acidentes circulatórios, célebro-vasculares e mesmo enfartes do miocárdio. E não evitará a inevitável atrofia dos ovários entre as consumidoras. Nocasos também das associações de antibióticos e destes com sulfas, consideradas irracionais pela Associação Médica Americana, a faixa vermelha na embalagem externa de modo algum conferirá racionalidade científica.

Com domínio monopolístico do capital estrangeiro sobre o mercado brasileiro de medicamentos, sem concorrência competitiva nacional eficaz, será praticamente impossível o êxito de leis para controlar a qualidade dos produtos que nos são vendidos. Insistimos em afirmar que o povo brasileiro só terá garantia de consumir medicamentos eficazes e com doses corretas quando eles forem produzidos nos laboratórios do governo, às custas da transformação de matérias-primas adequadas produzidas por uma "quimiobrás", ou seja, por uma indústria química de base estatal. Enquanto isso não ocorrer, aconselhamos aos que se automedicam a ter nos bolsos as listas da Amerj. É uma precaução salutar e inteligente".

DONAS DE CASA NO COMBATE À POLUIÇÃO

Noemi HUTH

Poluição é assunto do dia-a-dia. Nunca o ambiente natural sofreu tantos ataques como em nossos dias. Pescar no riacho já não é possível, porque os peixes sumiram, varridos pela poluição das águas. A caça se torna rara na proporção em que as derrubadas e queimadas de mato continuam ocorrendo. E o que é pior: esses malefícios entram porta adentro em nossas casas, e convivem conosco, ameaçando nosso bem estar e até trazendo perigos para as nossas vidas. Por isso, é hora de prestar atenção aos tantos rótulos que, em troca de uma comodidade de alguns minutos de um brilho, quem sabe maior nas panelas, nos machucam os tecidos das mãos e, finda a tarefa, iniciam uma caminhada maligna para todo o ser vivo. São o que causam os produtos não-biodegradáveis.

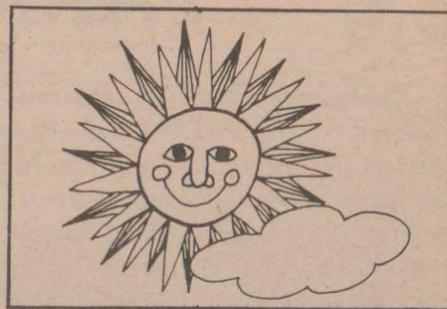
Um levantamento que fize-

mos -- quase uma pesquisa -- mostrou que mesmo no interior, grande maioria das donas de casa deixaram de lado o sabão caseiro, feito à base de óleos animais e soda, que além de limpar, é econômico e não polui a água. Em troca, adotaram o sabão em pó e tantos outros detergentes.

Vejamos o que diz uma moradora de Colônia Santo Antônio, no interior de Ijuí, a propósito de produtos usados na limpeza caseira. Mesmo sem ter abandonado o uso do sabão caseiro, ela aderiu à alguns detergentes, influenciada pela propaganda de efeitos quase milagrosos. "É verdade que desengorduram mais rápido, mas em compensação as mãos da gente ficam feias, cai a pele". Ela sugeriu uma campanha, à partir das reuniões de núcleos com senhoras, para alertar sobre os perigos que acarretam o uso dos não-bio-

degradáveis, isto é, detergentes que não se decompõem após seu uso. Assim como a sra. Maria Cecilia Konageski Delam, tantas outras por ocasião do levantamento, manifestaram espanto em saber que alguns detergentes e sabão em pó são tão nocivos à saúde. A Secretaria da Saúde de nosso Estado já faz alguma coisa no sentido de alertar para o perigo do uso dos não-biodegradáveis. É necessário que também, nós, donas de casa, mobilizemos as informações recebidas para que nossas amigas parem de poluir a água, de prejudicar sua pele. Sem dramatizar, apenas comparando os dias atuais com os de 20 ou 30 anos atrás, podemos concluir que os rios eram mais limpos, que nós bebíamos água mais cristalina. Então, se as coisas continuarem no mesmo ritmo, que água irão beber nossos filhos, e os filhos de nossos filhos?

VIVA MELHOR DURANTE O VERÃO



Durante o verão, capriche nos sucos caseiros. Faça, de preferência, sucos de abacaxi, uva, laranja e limão, que ao mesmo tempo hidratam e alimentam. Isto porque quando o calor é intenso, devemos tomar muito líquido, para compensar a perda de água, vitaminas e sais minerais pela transpiração excessiva.

Aproveite as cascas do abacaxi, fervendo-as bastante tempo com açúcar e um pouco de água. Coe e guarde na geladeira, para misturar com água na hora de servir.

Chá preto gelado fica delicioso, se você puser para ferver com a água um pêssego inteiro.

Para gelar mais rapidamente a bebida, enrole a garrafa num guardanapo com algumas pedras de gelo e guarde no congelador.

Uma garrafa de vinho doce, depois de aberta, pode ser tampada e guardada na geladeira, no máximo uma semana.

LARANJADA LIMONADA



Um suco de frutas sempre é saudável.

Tempo de preparo: 25 minutos.

Receita para 4 pessoas
INGREDIENTES: 2 xícaras de suco de laranja, 1/2 xícara de açúcar, 12 folhinhas de hortelã, 1/4 de xícara de suco de limão, 1 1/2 xícara de água mineral gelada.

MODO DE FAZER: Deixe

uma xícara de suco de laranja levantar fervura. Acrescente as folhas de hortelã e o açúcar. Deixe esfriar. Coe. Acrescente uma xícara de suco de laranja e o suco de limão. Um pouco antes de servir, junte a água mineral. Despeje em copos altos com cubos de gelo.

SORVETES DE CREME

INGREDIENTE: 4 copos de leite, 6 claras batidas em neve firme, 6 gemas, 1 xícara de açúcar, 1 colher (de chá) de maizena, algumas gotas de baunilha.

MODO DE FAZER:

Misture metade do açúcar às claras em neve e continue batendo até o ponto de suspiro. Com as gemas e o açúcar restante bata uma gemada. Despeje por cima o leite fervente, mexendo sem parar. Dissolva a maizena em meia xícara dessa mistura. Junte a maizena dissolvida à mistura do leite e da gemada. Misture bem e leve ao fogo, mexendo sempre sem deixar ferver. Retire e deixe esfriar. Junte o suspiro e a baunilha. Leve ao congelador e bata de vez em quando. No momento de servir, pode enfeitar com frutas em caldas, geladas.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucros e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está resguardado pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

Caderneta APESUL de Poupança
Rua do Comércio, 219 - Ijuí

SINDICATOS RURAIS PEDEM MUDANÇAS PARA O PROGRAMA HABITACIONAL

Lideranças rurais de oito municípios da Região Ceileiro do Rio Grande do Sul reuniram-se dia 18 de janeiro, em Coronel Bicaco, quando tomaram decisões a respeito do Programa de Habitação Rural, recadastramento do INCRA e outros assuntos afins. Os participantes do encontro pertencem às diretorias dos sindicatos de trabalhadores rurais dos seguintes municípios: Coronel Bicaco, Redentora, Miraguaí, Tenente Portela, Três Passos, Campo Novo, São Martinho e Humaitá.

Nas decisões que tomaram, os líderes rurais concentraram em um documento que foi enviado à FETAG — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, para que esta além de interceder pela classe que representa, enviasse mais cópias da correspondência aos órgãos governamentais. Eis, na íntegra, o teor da carta:

"Os sindicatos dos trabalhadores rurais da Região Ceileiro do Rio Grande do Sul, em reunião realizada na cidade de Coronel Bicaco, reivindica o seguinte em favor de seus

associados: 1 — Que seja retificado o Programa de Habitação Rural, tendo em vista o alto custo de juros e a correção monetária, e que o agricultor não tem condições de arcar com pagamentos mensais com o custo do dinheiro sempre corrigido; e além do mais, vive em permanente crise de preços mínimos para seus produtos. Solicitamos que seja criado um sistema de financiamento pelo BANCO DO BRASIL S/A, com a mesma sistemática já existente para construção de galpões e pocilgas, com juros de 15 por cento ao ano,

decrecente sobre o valor do débito. 2 — Solicitamos também que não seja exigido mais de uma inscrição estadual de produtor dentro do mesmo município, visto que acarreta grandes problemas burocráticos ao próprio agricultor. Certos da habitual atenção, aguardamos uma imediata resposta, aproveitando a oportunidade para renovar nossos protestos de consideração e apreço". Seguem-se as assinaturas dos representantes dos oito sindicatos da Região Ceileiro.

NOVOS LÍDERES SINDICAIS EM IJUÍ E AUGUSTO PESTANA

Os sindicatos de trabalhadores rurais de Ijuí e Augusto Pestana estão, desde o início do ano, com novos dirigentes. Carlos Karlinski foi reeleito em Ijuí e Bruno Van de Sand em Augusto Pestana. Aqui também os nomes dos demais companheiros, planos e pensamentos dos integrantes de ambos sindicatos.



Karlinski presta juramento com seus companheiros no Sindicato de Ijuí.



No último mês de janeiro, dois sindicatos de trabalhadores rurais, de Ijuí e de Augusto Pestana, reuniram suas lideranças para dar posse aos novos dirigentes eleitos para um período de três anos. Em Ijuí, a solenidade de posse se desenvolveu na sede acadêmica da FIDENE e em Augusto Pestana, no salão paroquial da Igreja Matriz.

KARLINSKI RECONDUZIDO

Carlos Karlinski, que sucedeu a Orgênio Roth, hoje vice-presidente da FETAG, na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, foi reconduzido ao cargo. Eleito pela primeira vez para o cargo (fora suplente), tem como companheiros de diretoria: Anatalino A. dos Santos, secretário; Frederico Casali, tesoureiro. Suplentes da diretoria, Hugo Deckmann, Euclides Gabbi e Pedro Wichinheski. No Conselho Fiscal, são membros efetivos: Leo Piccoli, Augusto da Silva e Dante A. Boniatti. Suplentes: Arno A. Beck, Reinoldo Dobler e Enio S. Tiecher. Delegados representantes

junto à FETAG: Carlos Karlinski e Anatalino A. dos Santos, efetivos; Sady Berno e Ary Saifert, suplentes.

Carlos Karlinski, a par da assistência em todos os setores, acha de máxima importância que o ruralista sindicalizado participe das lutas da classe. Vê na diretoria uma mera representação das aspirações de todos os trabalhadores. "Esses é que, em todo o encontro ou junto a direção, devem manifestar seus problemas, sugestões". Pequeno agricultor, proprietário de 12,5 ha, na Linha 7 Leste, sempre que possível, em seus pronunciamentos levanta o problema da falta de terra, "fator que provoca o êxodo rural levando o homem do campo a marginalização nos centros urbanos".

BRUNO TAMBÉM REELEITO

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, Bruno Van der Sand, também permanece à frente da entidade, reeleito que foi por mais três

anos. Bruno Leo Goergen é o secretário e Germonte Bernardi tesoureiro. São suplentes: Carlos Voigt, Valter Kogler e Delino Scarton. No Conselho Fiscal, estão Alberto Antônio Bauer, Alfredo Wildner e Lotário Bruinsma, como membros efetivos; Osvin Matte, Edvino Maroski e Alfredo Fritz, suplentes. Como delegados representantes, o STR de Augusto Pestana escolheu além do presidente, mais Bruno Leo Goergen, sendo suplentes os associados Emilio Hasse e Raimundo Felipe François.

Na mesma data em que a diretoria do STR de Augusto Pestana tomou posse, a entidade mostrou aos associados e convidados a nova sede, à rua São Francisco, que abriga além do gabinete odontológico, um ambulatório médico recém instalado.

Está respondendo pelo atendimento o Dr. Luiz Vaz. No gabinete dentário, dão expediente os odontólogos José Burtet, Norberto Dietrich e Waldir Mensch.

FETAG — JUNTO AO APOIO A CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Por ser desta região e também pela sua constante atividade junto aos sindicatos filiados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Orgênio Roth, vice-presidente da entidade, esteve presente na posse das novas diretorias dos sindicatos de Ijuí e em Augusto Pestana.

Com muita experiência em assuntos do meio rural, sempre liderando os trabalhadores do interior, Orgênio Roth afirma detestar os gabinetes. Para fugir à isso, participa do setor de educação da FETAG, promovendo cursos de sindicalismo e cooperativismo em todos os municípios gaúchos. Em Ijuí e Augusto Pestana, mais uma vez, a tônica de seus pronunciamentos chamou a atenção para a falta de terra dos agricultores, considerando um "problema crucial que só tende a crescer em proporções, caso medidas não sejam adotadas visando sua solução".

INSETICIDAS CLORADOS: UMA DIFÍCIL QUESTÃO

* Luiz Volney Mattos VIAU

Quando Müller descobriu as propriedades inseticidas do DDT, iniciou uma revolução no campo dos pesticidas, desencadeando a incorporação de vários produtos à base de cloro na luta contra as pragas. Este fato deu à Müller o Prêmio Nobel de Medicina.

Esses produtos durante muito tempo, tiveram grande participação dentro do processo evolutivo da agricultura, além de serem citados como produtos pioneiros na luta contra enfermidades que ameaçaram a saúde pública, como a malária, enfermidade de chagas, peste bubônica e tifo. No entanto se caracterizaram por apresentarem um longo efeito residual, permanecendo estável no meio ambiente, além do seu efeito acumulativo no organismo dos indivíduos.

Os inseticidas clorados são bastante persistentes, pois suas estruturas químicas pertencem sem degradação por longos anos. Calcula-se que após 10 anos, o DDT ainda circula na Biosfera participando da cadeia alimentar.

Como exemplo temos a possível extinção de uma espécie de Pelicano da Flórida. As fêmeas, devido ao acúmulo de DDT nos seus organismos, que prejudica o metabolismo de absorção do cálcio, põem ovos sem cascas ou com cascas muito fina, que são quebradas, quando as aves estão chocando os ovos. Como conseqüências o nascimento dos filhotes é mínimo e a espécie tende a desaparecer (1).

Trabalhos realizados na cadeira de Toxicologia da Faculdade de Medicina de Buenos Aires em sangue, constataron a presença de níveis de defensivos em crianças saudáveis e enfermas, operários das comunidades urbanas e rurais, cordão umbilical de recém nascidos, no leite materno e ultimamente em focas e pinguins do território antártico (2).

Um trabalho realizado por Wasermann e P. Nogueira mostra que os níveis de clorados no tecido adiposo de pessoas da cidade de São Paulo compara com os resultados obtidos nos EUA e França, sendo o teor médio de 8 partes por bilhão (ppb).

Já em algumas cidades do interior dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, esses níveis são 194 e 336 ppb, respectivamente.

Apesar desses níveis serem de ordem de partes por bilhão, devem



São os defensivos clorados que exigem os maiores cuidados.

preocupar os responsáveis pela saúde pública.

Os níveis permitidos são indicados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), determinando as doses diárias aceitáveis (DDA) e os resíduos tolerados de defensivos nos alimentos consumidos pela população. Entende-se por DDA a qualidade de um produto químico que parece poder ser ingerida DIARIAMENTE sem riscos apreciáveis.

Como exemplo, a dose diária aceitável máxima para o DDT é 0,01 miligrama por quilograma de peso corporal (3).

O resíduo de uma substância tóxica nos alimentos é expresso em Partes por Milhão (ppb) e indica a quantidade máxima de resíduo que pode ser permitido em um alimento especificado.

No leite, por exemplo, o resíduo de DDT não pode ser superior a 0,005 ppm.

Com relação a reações do DDT no homem, dados de literatura mostram que doses acima de 300mg/kg de peso corpóreo já acarretaram morte do indivíduo.

Observações em voluntários e em trabalhadores em fábricas de DDT, ou em campanhas de saúde pública, mostraram que doses de 0,025 a 0,5 mg de DDT por Kg de peso corpóreo, por dia, são toleradas por muitos anos sem que sejam notadas sinais ou sintomas clínicos nesses indivíduos (4).

Atualmente muitas dúvidas estão sendo levantadas em torno do DDT. O cientista inglês Thomas

Jukes, catedrático de Física Médica da Universidade da Califórnia, defende o uso do DDT na lavoura e no Setor da Saúde Pública. Afirma que as experiências para determinar o efeito cancerígeno, não confirmaram a tese de que o DDT causa câncer. V.K. Rowe, no Primeiro Congresso Brasileiro de Toxicologia em Guarujá, afirmou que são discutidos os testes realizados em cobaias para prever em um indivíduo os riscos de contrair câncer, quando expostos a níveis baixos de inseticidas clorados.

A par dessas informações, nossa preocupação deve ser sempre no sentido de adotar as medidas de segurança no uso dessas substâncias tóxicas.

A simples restrição no uso de um produto, poderá não representar a diminuição dos problemas toxicológicos, pois existem inúmeras substâncias químicas com características, às vezes mais perniciosas que os defensivos clorados.

Não devemos deixar simplesmente transparecer que este fato resolva os problemas derivados do mau uso dos defensivos. O objetivo deverá ser de conscientização do produtor, através da educação e treinamento para que ele tenha condições de avaliar os danos que uma substância química pode provocar, quando mal empregada.

Os técnicos também devem estar preparados para fornecerem todas as informações necessárias aos produtores.

Vejo no Receituário Agrônô-

mico uma forma de aproximação do técnico com o agricultor, para que no momento da escolha e utilização do defensivo, o usuário esteja suficientemente informado daquilo que vai realizar.

Devemos, naturalmente, limitar o uso desses produtos persistentes na natureza, para não alterarmos o equilíbrio biológico.

Devemos dispender nossa atenção para outros compostos químicos que são lançados no mercado, apresentando também elevada periculosidade.

Graças a ciência, dispomos de novos conhecimentos e novas tecnologias, e segundo Barry Commoner, "A grande questão não é se devemos usar os novos conhecimentos que adquirimos, mas como usá-los".

1) O Braga — Toxicologia dos Defensivos Agrícolas.

2) E. Astolfi — Curso sobre toxicologia dos defensivos — ANDEF.

3) Doses diárias aceitáveis (DDA) tolerância e limites práticos de resíduos de defensivos clorados em alimentos (FAO—OMS—1968).

4) Waldemar F. Almeida — Alguns aspectos especiais na Toxicologia de Defensivos Agrícolas.

*Luiz Volney Mattos VIAU
Engº Agrº do Deptº
Técnico da COTRIJUI



OS RUMOS DA OVINOCULTURA

A ovelha sempre desempenhou um papel importante na vida do homem do campo, com o aproveitamento da sua carne, da lã, da pele e até mesmo do leite.

Há historiadores que afirmam que a ovelha acompanha o homem desde os seus primeiros momentos. A própria Bíblia contém uma infinidade de citações sobre pastores e ovelhas. A mitologia grega também não perdeu nenhuma oportunidade de citar o homem ao lado das ovelhas.

Sabe-se que já no longínquo 1556, se registrava a presença de ovinos no Brasil, trazidos por espanhóis e belgas. Nessa mesma época também se verificava a presença das ovelhas na região Patagônia, que por certo foi um dos principais fatores da fixação do homem naquelas regiões desertas. Fato semelhante também ocorreu na Austrália que inicialmente foi um local de presos e degradados, situação que se agra-

vou com a descoberta do ouro, gerando a presença de bandoleiros e assaltantes. Devido a qualidade do clima, foi se introduzindo na Austrália a ovinocultura, e hoje esse país produz 70% da lã de todo o mundo, além de uma forte produção de carne no mercado de diferentes países.

Hoje a ovelha está presente em quase todos os estados brasileiros, perfazendo uma população ovina em torno de 30 milhões de cabeças.

A COTRIJUI NO MERCADO DA LÃ

O Rio Grande do Sul, com 288 mil km² do seu território, propicia esse tipo de criação. Num recente levantamento, verificou-se que apenas nos municípios de Esteio, Campo Bom, Horizontina e Sapiranga, não existem ovelhas.

Hoje a lã colocada entre os dez

principais produtos de exportação do Rio Grande do Sul, possui uma adequada infra-estrutura, integrada por lavanderias, fábricas de topes, de fio e indústria de tecelagem, o que proporciona excelente absorção de mão-de-obra.

Mas estudos e experiências realizadas dão conta de que ainda há muita coisa que se possa fazer para alcançar uma maior produtividade de lã em nosso Estado. Com a utilização de pastagens cultivadas, por exemplo, poderíamos alcançar um rendimento de até 50,20 kg de lã por hectare.

A COTRIJUI, desde o início de 1977, entrou no mercado da lã, depois que incorporou a Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris Ltda. E já nessa safra recebeu 1 milhão e duzentos mil quilos de lã, principalmente dos novos associados de D. Pedrito, como também de Livramento, Quaraí, Rosário do Sul, Cachoeira do Sul, Lavras do

Sul, Bagé, São Gabriel.

Toda essa lã, a COTRIJUI está vendendo aos lanifícios do Rio Grande do Sul e São Paulo, sendo que uma parcela se destina à fábrica INCA, onde com um contrato de prestação de serviço, aquela indústria confecciona cobertores, ponchos e japonas, para depois serem vendidos na rede de lojas e supermercados da Cooperativa, com a etiqueta COTRIJUI.

Atualmente, se encontra em desenvolvimento um projeto com a cooperativa de lã de Uruguaiana e outras da região, visando a instalação naquela cidade, do primeiro lanifício de cooperativas. Isso proporcionará aos produtores cooperativados passar do setor primário — simples criação e venda das ovelhas — a um aprofundamento no setor industrial. A decisão pela participação nesse projeto ocorreu antes da incorporação da Pedritense pela COTRIJUI, tendo essa última assumi-

do e levado avante o desejo dos associados.

OS OVINOCULTORES EM ASSOCIAÇÃO

Não se pode falar em ovinocultura, sem acrescentar considerações sobre a Associação Riograndense de Criadores de Ovinos (ARCO), que por sua estrutura dinâmica, projetada, em termos ideais, tudo o que se refere à criação de ovinos no momento.

Em 1942, um grupo de criadores, em Bagé, fundavam a ARCO, hoje transformada em Associação Brasileira de Criadores de Ovinos e presidida pelo Dr. Amílcar da Rosa Bittencourt, líder pecuarista, que não tem medido esforços para defender os interesses da ovinocultura brasileira.

A finalidade específica dessa associação, conforme explicou o

Supervisor Administrativo, Enio Del Geloso Nocchi, é o melhoramento ovino, através do serviço de seleção.

Esse serviço é realizado pelo corpo técnico, constituído de veterinários, engenheiros agrônomos e zootecnistas abrangendo os seguintes setores: Fomento à ovinocultura; Seleção e controle de plantéis e Seleção e Controle dos rebanhos gerais.

O fomento à ovinocultura é feito através da introdução da ovinocultura em novas áreas, principalmente em municípios gaúchos, onde a criação ovina é pouco difundida ou até mesmo em alguns estados em que as condições para o desenvolvimento da espécie são excelentes. Ainda sobre o fomento à ovinocultura, a ARCO, através de sua orientação técnica, busca estabelecer um critério uniforme na produção ovina, orientando a criação no sentido mais racional e econômico

possível. Para tal, estimula a produção de ovinos-lã, ovinos duplo-propósito (lã e carne) e ovinos-carne.

A seleção e controle dos plantéis a Associação entende que é decisiva para a ovinocultura. Como resultado dessa orientação aplicada pela entidade, a cabanha nacional, hoje, já atende às necessidades de reprodutores, com uma produção de aproximadamente, dez mil carneiros tatuados S.O. e S.O.S.O. Abrange, esse setor, a produção de carneiros, ovelhas puras de origem e ovelhas puras por cruza. Quanto aos carneiros, são distinguidos com a tatuagem S.O., símbolo que significa "seleção ovina" e, entre estes, os carneiros tatuados S.O.S.O. que são os reprodutores de destaque e que serão usados nos plantéis, enquanto que os primeiros são usados nos rebanhos. As ovelhas puras de origem, que constituem os plantéis puros de pedigree, isto é, são no Flock Book

Brasileiro, sendo controladas desde o nascimento do cordeiro, que recebe o símbolo "arco", até sua confirmação definitiva, com a indicação de que estejam ao nível de tatuagem S.O. Quanto às ovelhas puras por cruza, são igualmente identificadas com a tatuagem S.O.

Já a seleção e controle dos rebanhos tem por finalidade orientar os ovinocultores, principalmente quanto à classificação zootécnica de seus rebanhos, estendendo-se, ainda, uma orientação nos setores de manejo, nutrição e sanidade. Os criadores são assistidos pela ARCO, também na aquisição de reprodutores, através de seus técnicos, normalmente presentes nas exposições, feiras, remates da cabanha e principalmente nas importações, cuja aprovação, inclusive, depende de um parecer da Associação.



PRINCIPAIS RAÇAS DE OVINOS DO RIO GRANDE DO SUL

As raças mais difundidas no Rio Grande do Sul são: Corriedale, Romney Marsh, Ideal e Merino, as quais, em conjunto, constituem cerca de 90% do rebanho gaúcho. Em segundo plano, temos: Merilin, Southdown, Karakul e Crioula, entre outras de menor expressão. A seguir, alguns dados sobre diferentes raças.

MERILIN — Originária do Uruguai, a partir do cruzamento entre Merino e Lincoln. Trata-se de uma raça de dupla aptidão, lã fina e velo denso.

SOUTHDOWN — É uma raça produtora de cordeiros precoces. É também, utilizada para cruzamentos industriais, principalmente, com o aproveitamento da última produção das ovelhas velhas.

KARAKUL — (ovelha preta) É utilizada para a produção de peles e carne.

CRIOULA — São animais pequenos, lã grossa e lisa, com variadas tonalidades. A lã, em diversas formas de beneficiamento, é usada, também, para feltros e colchões. A pele dos animais abatidos antes da tosquia, é destinada, principalmente, à peleiros para montaria.

MERINO — É uma raça produtora de lã fina, de superior qualidade. O comprimento da mecha varia de 5 a 10 cm, atingindo o vélo, em média, de 3,5 a 6,0 kg por cabeça. Existem muitas variedades de Merino, sendo



que no Rio Grande do Sul, foi a australiana que maior difusão apresentou, devido principalmente à maior rusticidade e resistência, ao excesso de umidade, a par das demais qualidades inerentes ao animal. **IDEAL** ou **POLWART** — Originária do sul da Austrália, tendo sido criada em 1880 a partir de um cruzamento 3/4 de Merino e 1/4 de

Lincoln, foi introduzida no Rio Grande do Sul em 1927, para o município de Santa Vitória do Palmar, a partir de importações do Uruguai. É uma raça rústica e produtora de excelente lã fina, de alto rendimento industrial.

ROMNEY MARSH — De origem inglesa, produz excelente e abundante carne e vélos com bom peso e

rendimento. Resistente às infestações de onde é ectoparasita, adapta-se, pois, a campos baixos e úmidos. Trata-se de raça de dupla aptidão. O vélo é denso, tendo as fibras, um comprimento médio entre 12 a 16 cm. Em boas condições de pastagem, pode-se esperar um rendimento em torno de 4 kg de lã por animal.

CORRIEDALE — Criada na Nova Zelândia, a partir de cruzamento entre a raça Merino (lãs finas) e a raça Lincoln (lãs grossas). São animais rústicos, que se desenvolvem bem em campos de mediana fertilidade natural. Produtores de carne, de lã de boa qualidade, têm constituição vigorosa e excelente conformação. O vélo é denso, com fibras entre 10 a 15 cm. de comprimento, sendo que, após a lavagem, apresenta um rendimento entre 58 e 64%. Os rebanhos de melhor qualidade, mantidos em pastagens nativas, produzem, em média, de 3,5 a 4,0 kg de lã por cabeça.

TEXEL — Originária da Holanda, esta raça somente agora está sendo introduzida no Rio Grande do Sul. É um tipo, predominantemente, para carne. Mostra um perfil avantajado e apresenta uma particularidade muito interessante: em oitenta por cento das partições, nascem gêmeos, o que faz aumentar consideravelmente o rebanho.

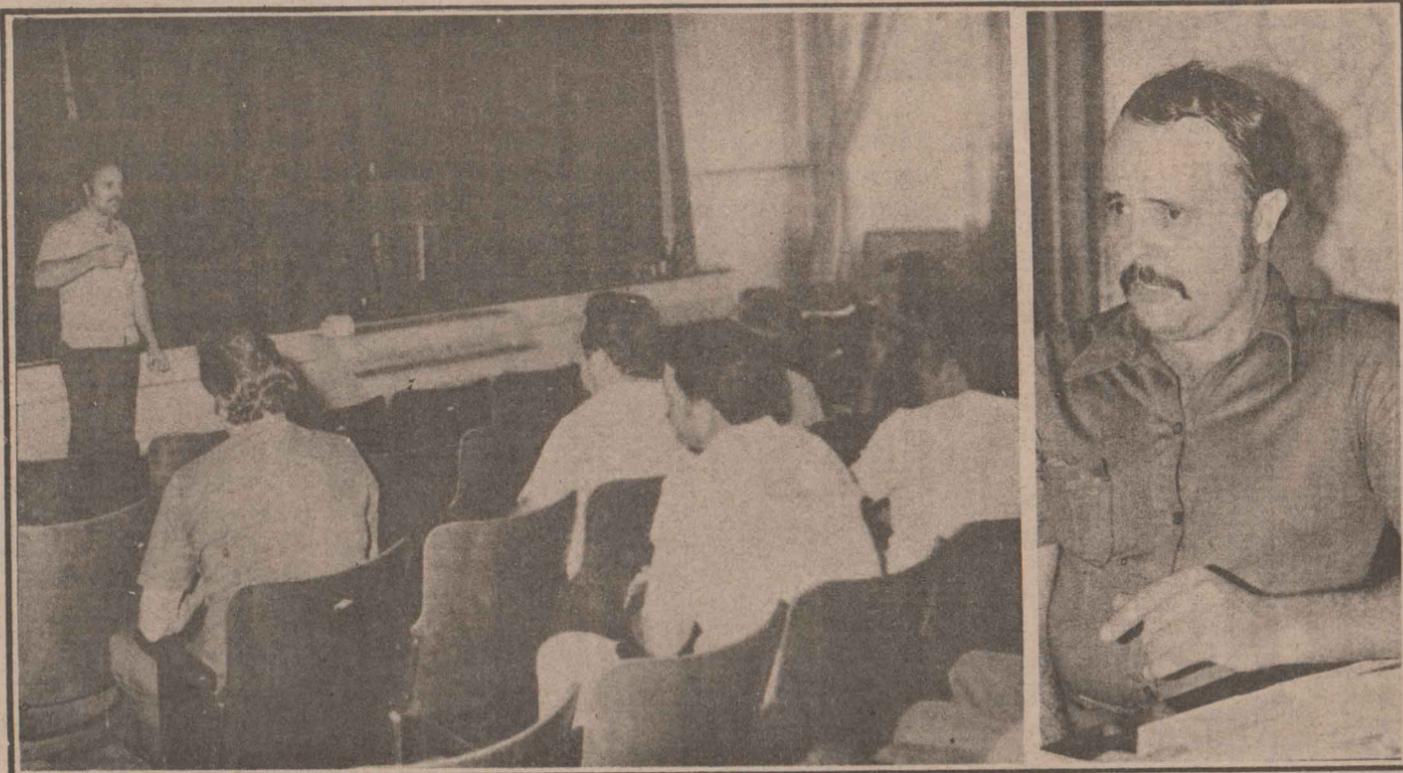
Os produtores perguntam sobre o leite:

AS RESPOSTAS DO TÉCNICO

Em cada semana, são realizadas no mínimo umas três reuniões de produtores de leite, que podem ser em Ijuí, Ajuricaba ou Augusto Pestana. O assunto é um só: leite.

Nessas reuniões é discutido de tudo sobre a atividade leiteira, que já é a principal parte de todo programa de diversificação da produção que a COTRIJUI vem desenvolvendo entre os seus associados.

Otaliz de Vargas Montardo, veterinário da Cotrijui e um dos responsáveis pelo setor de leite na região, tem participado de todas essas reuniões com os produtores. E o Cotrijornal que também esteve presente em muitas dessas reuniões, colheu as principais perguntas feitas pelos produtores e trouxe para as respostas do Otaliz, que por certo já servirá para tirar muitas dúvidas dos produtores de outras regiões que ainda não realizaram as reuniões sobre o leite.



Otaliz é um dos técnicos da COTRIJUI que vem participando seguidamente das reuniões de produtores de leite.

Produtor: Por que a Cotrijui está nos estimulando na criação de gado e produção de leite?

Otaliz: Os motivos porque a Cotrijui está estimulando a criação de gado e produção de leite aqui na região são muitos. O principal seria porque temos a necessidade de diversificar a nossa produção que hoje está apenas no trigo e na soja. E a continuidade desse sistema tem trazido uma série de problemas, como a crescente perda da fertilidade do solo, insegurança econômica e devido a necessidade de muito maquinário agrícola, está sobrando muita mão-de-obra familiar.

Assim, a criação de gado e produção de leite terá uma importância fundamental dentro do programa de diversificação da produção, pois este tipo de exploração se ajusta as características regionais que é de pequenos proprietários e de muita mão-de-obra disponível.

Por outro lado, para a produção de leite será preciso plantar forrageiras, o que vai melhorar a qualidade do solo. E além de tudo isso, a produção leiteira dará ao associado um rendimento financeiro mensal.

Produtor: Quem poderá ingressar nessa atividade com apoio da Cotrijui?

Otaliz: Todos os que tiverem interesse por esse tipo de exploração e desejarem aumentar a produtividade das suas terras. Para isso será necessário que destinem uma determinada área da propriedade para o

plantio de forrageiras e procurem assistência técnica na cooperativa para desenvolverem a pecuária leiteira dentro de um nível técnico adequado.

Produtor: A Cotrijui vai dar financiamento bancário para quem precisar. Mas para isso o que será preciso?

Otaliz: Realmente a Cotrijui está trabalhando junto a rede bancária com a finalidade de obter recursos financeiros que serão repassados aos associados que desejarem fazer investimentos na área leiteira. No entanto, o associado que quiser candidatar-se aos financiamentos para os Projetos Leiteiros terá que destinar uma área mínima de 10 hectares. Por que isso? Simplesmente para poder viabilizar, para que o associado consiga num determinado tempo cobrir esses investimentos.

Produtor: O que é, para que serve e o que tem feito a CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite)?

Otaliz: A CCGL é o resultado da união das cooperativas do Estado que decidiram se unir para industrializar e comercializar em conjunto a produção leiteira regional. Para isso, a Central já está recebendo leite na usina que pertencia a empresa CAFRASA (de Ijuí) e no próximo mês de julho deverá colocar em funcionamento a sua usina própria que terá uma capacidade de recebimento diário de 300.000 litros de leite.

Produtor: Quais as garantias que va-

mos ter da Cooperativa nesta nova atividade?

Otaliz: A primeira garantia é a certeza da comercialização de toda a produção que existir, através das usinas da CCGL. Além disso, o produtor que realmente desejar desenvolver um bom trabalho nesse setor, receberá toda a assistência técnica necessária da Cooperativa para alcançar bons níveis de produtividade.

Produtor: A Cotrijui vai exigir que cada associado entregue um mínimo necessário ou todo mundo pode entregar quanto quer?

Otaliz: Em princípio, a Cooperativa não pretende fixar quantidades mínimas para entrega de leite. No entanto, com o desenvolvimento dessa atividade o próprio produtor vai sentir a necessidade de aumentar a produção a fim de reduzir os custos e consequentemente obter maiores rendimentos. Apenas para aqueles associados que desejarem entregar o leite em tarros individuais é que será exigido uma produção diária mínima de 30 litros.

Produtor: Será preciso acabarmos com o atual rebanho, que não é bom, e procurar novos?

Otaliz: Não há necessidade de substituir o rebanho existente. Precisamos apenas é melhorar a qualidade desse rebanho pela utilização da inseminação artificial e proporcionar melhores condições de produção, através de uma alimentação adequada. A compra de animais será necessária apenas para aqueles produto-

res que somente agora vão iniciar a exploração leiteira ou que desejam aumentar o seu rebanho.

Produtor: Quanto de área da propriedade será necessário, no mínimo, para uma rendosa atividade leiteira?

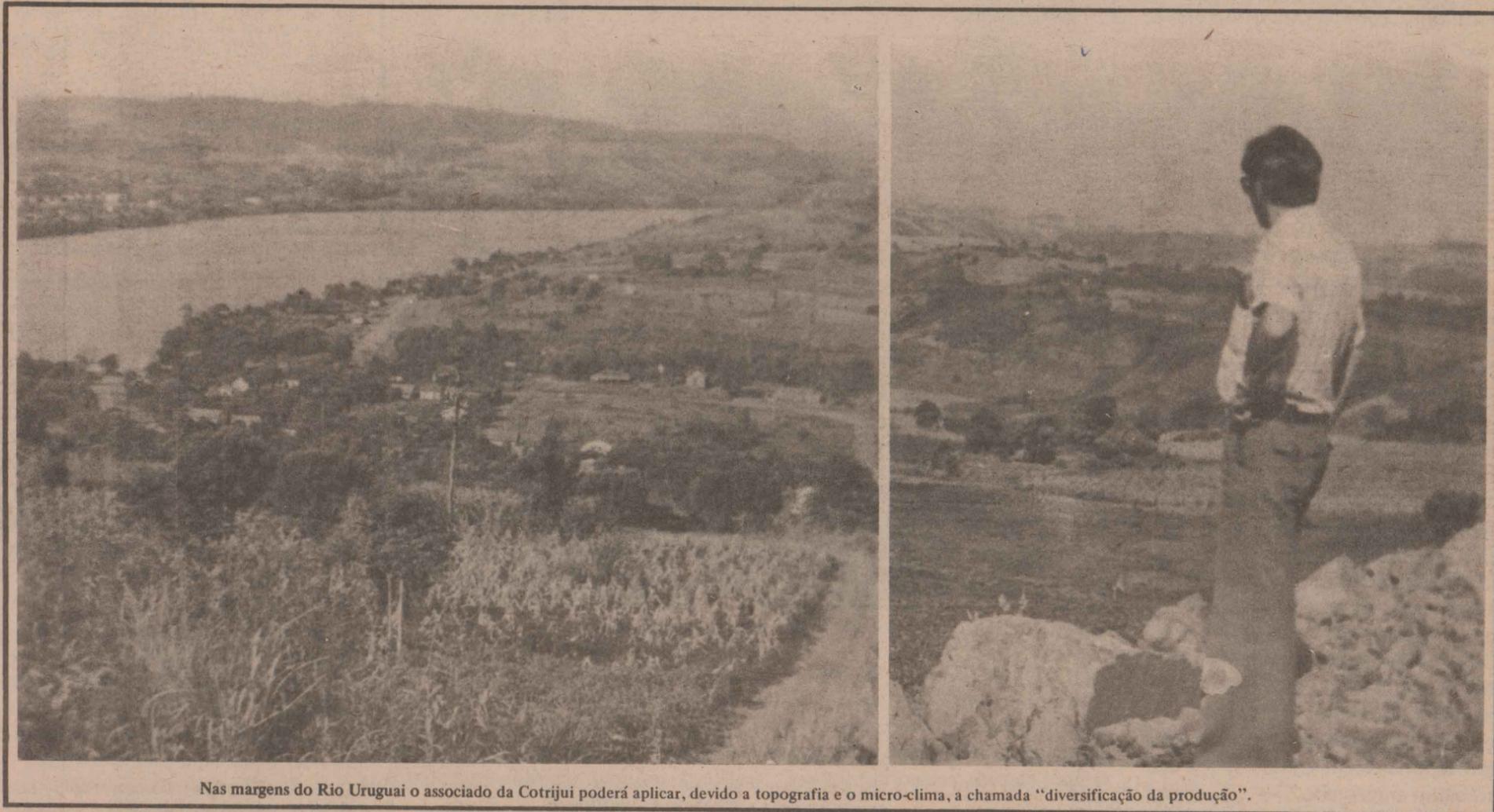
Otaliz: O produtor que desejar obter bons rendimentos com a pecuária leiteira deverá destinar uma área mínima de 10 ha. Só assim poderá alcançar um nível de produção capaz de garantir um bom rendimento. No entanto, é claro que os produtores poderão iniciar com áreas menores e depois irem aumentando, aos poucos, procurando estabelecer uma rotação com as lavouras de trigo e soja.

Produtor: Teremos um lucro financeiro garantido?

Otaliz: Isto dependerá principalmente da maneira como a pecuária leiteira for conduzida dentro de cada propriedade. Aqueles produtores que desenvolverem um trabalho ordenado, sob a orientação técnica da Cotrijui, deverão alcançar bons rendimentos. É bom lembrar que existem várias regiões, aqui mesmo no Rio Grande do Sul, em que milhares de famílias vivem, exclusivamente da produção leiteira. Por outro lado, é preciso considerar não apenas os lucros imediatos da venda do leite, mas também os benefícios derivados do melhoramento geral da qualidade do solo, da valorização do trabalho da família e dos lucros financeiros que são mensais.

UMA OPÇÃO A MAIS PARA OS MINIFUNDIÁRIOS

Os pequenos agricultores de Tenente Portela poderão se dedicar ao cultivo de laranja, bergamota e limão, com toda a assistência da Cotrijui.



Nas margens do Rio Uruguai o associado da Cotrijui poderá aplicar, devido a topografia e o micro-clima, a chamada "diversificação da produção".

Para os que conhecem a região pioneira onde a COTRIJUI atua, Tenente Portela desponta como o município de áreas mais fracionadas, gerando o que se chama de minifúndio. Basta dizer que somente em Tenente Portela, estão concentrados quase cinco mil produtores associados à cooperativa. Esse e outros fatores, como a topografia e o micro-clima existentes às margens do Rio Uruguai, levaram o Departamento Técnico da COTRIJUI a realizar estudos, visando um aproveitamento mais racional da região, especialmente da Barra do Guarita e margens do Rio Turvo, afluente do Uruguai.

O PROJETO DE CITROS

Segundo estudos do Departamento Técnico, já no inverno de 1978 poderá ser iniciada a implantação de pomares naquela área, cujas características são propícias ao cultivo de laranja, bergamota e limão, nas mais diferentes variedades.

Os engenheiros agrônomos Hélio Ito Pohlmann e Lauro Kühlkamp, do Departamento Técnico da COTRIJUI, vão aconselhar inclusive que os agricultores continuem a plantar soja nos espaços entre as mudas de citros, durante os primeiros três a cinco anos de pomar. Lauro explica que "a cultura intercalar de soja é recomendável, desde que bem adubada, pois propicia a incorporação de nitrogênio ao solo. Há que considerar ainda que grande parte dos tratamentos culturais, tais como capinas, serão comuns à ambas as culturas, e que a renda proveniente desta soja poderá contribuir para o custeio do pomar. A cultura do feijão também se presta muito bem para esse fim, pois num pomar não há condições para colheita mecânica".

TÉCNICO DA F.A.O. VIU A ÁREA

O estudo das potencialidades em hortigranjeiros na região de Tenente Portela e Miraguaí, e a cons-

tatação de que o projeto se viabilizará economicamente, recebeu o apoio do Dr. Alfred Scherer, da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO). Junto com ele, estiveram em visita a região o Dr. Eliseu Ratte, da COBAL, pós-graduado em Fisiologia Vegetal e o engenheiro agrônomo Rogério Willy Lermen, da CEASA—Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul S/A.

A COBERTURA DA COTRIJUI PARA O PROJETO

A COTRIJUI dará toda a assistência aos produtores participantes, objetivando iniciar o projeto com boa base técnica, mudas de variedades previamente testadas e aclimatadas. Essa assistência inclui a orientação para a obtenção de financiamento para custeio da implantação dos pomares. Pode se adiantar que para fruticultura, o produtor tem oito anos de prazo para saldar o empréstimo, com três anos de carência. Isto é, a

amortização somente inicia quando, segundo o agrônomo Lauro, estão incluídos a compra das mudas, a correção e a conservação do solo, a adubação e os tratamentos culturais.

Essas últimas informações não são comuns unicamente a região de Tenente Portela e Miraguaí. Mas no caso da COTRIJUI, e neste ano de 1978, uma das mais válidas alternativas para os minifundiários da Barra do Guarita e arredores será fugir do improdutivo binômio trigo/soja, inviável para área reduzidas. Ainda mais que na citricultura, e principalmente se levarmos em conta as condições favoráveis daquela região, a compensação econômica é bem mais rentável. Afóra isso, a ausência de geadas nas áreas ribeirinhas, viabiliza culturas como mamão, feijão-vagem e tomate, intercalando épocas e permitindo ao produtor ter sempre o lastro financeiro necessário ao sustento familiar, mediante a entrega dos produtos ao mercado, por sinal com boas perspectivas.

AS SOLUÇÕES PARA O FEIJÃO

No ano passado, de repente, o feijão sumiu dos supermercados, das vendas e até dos bolichos. Ninguém sabia certo o que acontecia. Mas na verdade, muita gente estava estocando o feijão, para depois vender por um preço mais caro.

Por que isso acontece, justamente no Brasil que é considerado um dos maiores produtores do mundo? O início da resposta tem que ser buscada na lavoura do agricultor. Ele, quase sempre, tem uma pequena propriedade e nessa área, dedica, não mais que um hectare para o feijão. Isso para o sustento da família. Se sobra um pouco, ele resolve vender no bolicho ou na venda mais próxima da sua casa.

O feijão pode ser plantado duas vezes por ano em todo o País. Por isso é conhecido como o feijão das águas e o feijão da seca. Assim que o feijão está amadurecido, o produtor logo realiza a colheita para não ficar com mais de dois meses no estoque, porque começa a estragar. Então, o agricultor tem a preocupação de vender o quanto antes a sua produção e muitas vezes entrega para o primeiro que oferece um preço, que na maioria das vezes não corresponde com os custos e o seu trabalho empregado.

É também bastante trabalhoso lidar com o feijão. Toda a plantação é feita com as mãos e até mesmo a colheita é realizada sem nenhuma ajuda de maquinário.

Por sua vez, as empresas rurais não se interessam muito pelo feijão, porque ele não pode ser transformado em outros produtos, como o milho, por exemplo, de onde se pode tirar a farinha, o fubá ou o amido.

Dessa maneira, o pouco feijão que hoje está sendo produzido pe-



Antonio e Guiotto: o contato quase que diário.

los pequenos agricultores está passando rápido de mãos para mãos — agricultores aos comerciantes — até chegar com falta e num preço quase sempre elevado aos consumidores.

SEMENTES DA COTRIJUI

Com o conhecimento de toda essa situação é que a Cotrijuí, a partir do último ano, começou a tentar melhorar a produção de feijão dos seus associados.

“O que temos de atacar de início é a produção de sementes para oferecer aos associados nas próximas safras”, explica o agrônomo Antônio dos Santos da unidade de Augusto Pestana. E isso está sendo feito também esse ano, com assis-

tência técnica quase que diária a inúmeros produtores que plantaram feijão, exclusivamente para depois vender a Cotrijuí, que garantiu um preço mínimo de 400 cruzeiros a saca de 60 quilos.

Pedro Guiotto de Augusto Pestana, foi um dos associados que plantou feijão para depois vender como semente para a Cotrijuí.

Numa área de 4 hectares, ele plantou as variedades cubano e também. E os cuidados começaram logo na correção do solo. Foi colocado o adubo de manutenção e o de cobertura, além de três aplicações de inseticidas. Sempre sendo recomendado pelo agrônomo Antonio dos

Santos.

Até que chegou o dia da colheita. Guiotto reuniu cinco vizinhos e atacaram o feijão. No final da tarde toda a produção estava colhida. O rendimento: 1.054 kg por hectare.

“Foi um bom negócio”, dizia Guiotto, “e agora já estou animado até a dedicar 10 hectares somente para o feijão na próxima safra”.

INCERTEZA DA VENDA

“Vou reservar um pouco para o sustento da família. Outro tanto vou levar para meus familiares. O resto, uns 4 sacos de 60 quilos, vou vender. Mas ainda não sei para quem”.

Essa dúvida, certamente, não é apenas do seu Frederico Muller, da Linha 11 Oeste em Ijuí. Como ele, muitos produtores de feijão que plantaram por conta própria, não sabem por quanto e para quem vender a sua produção.

O agrônomo Hélio Pohlmann, também da Cotrijuí, acredita que a Cooperativa poderá resolver, se não todas, as maiores dificuldades dos associados que se dedicam a plantação de feijão.

“A Cotrijuí, por exemplo, poderá prestar uma eficiente assistência técnica, que em parte já está realizando. Mas principalmente garantir um justo preço aos produtores, facilitando a colocação do feijão em centros consumidores, até mesmo fora da nossa região”.

Já a partir desse ano, a Cotrijuí está recebendo a produção dos associados, de qualquer unidade, na modalidade de preços a Depósito ou Preço Médio, assim como é feito para a soja.

**Serás
mais um
elo da
união**



A união de muitos faz a força de todos. Associa-te à Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. Associa-te ao progresso!

COTRIJUI

ABELHAS PILHADORAS

Pedro KOLLAS *

Na época de poucas floradas, como está acontecendo no presente verão, as abelhas campeiras andam por toda parte, num raio de dois a três mil metros, a procura de substâncias para se abastecerem. Quando passam em frente de outras colméias, sentem o doce aroma do mel armazenado lá dentro. Como elas pensam e raciocinam, sabem muito bem que aquele manancial adocicado tem dono. Sabem também que é proibido qualquer tentativa de posse daquele tesouro, ali acumulado com muito trabalho e sacrifício pelas colegas de mesmo ofício. Porém, como acontece na sociedade dos homens, a tentação vence todos os escrúpulos. Alguma abelha, menos honesta, acoçada pela fome, começa a ronda a colméia visada. Esse revolteio suspeito é conhecido dos apicultores veteranos que classificam tal procedimento de "culposo e criminoso". Quando estas abelhas ladras têm o mesmo cheiro da colméia visada, em virtude de terem visitado as mesmas flores, a coisa é mais fácil. Aproveitam qualquer cochilo ou distração da guarda e lá se vão para dentro, no entrevero de, entre-e-sai das abelhas residentes.

Abastecem-se a vontade de bom mel, voltam para casa, se comunicam através de danças (forma de coito com as outras) avisando que há muita comida boa ali por perto. Todas as abelhas que receberam a mensagem partem, localizam imediatamente a colméia visada, entram sem dar a "senha e o santo" as sentinelas do portão. A guarda da colméia saqueada dá o alarme e trava-se uma tremenda luta, dentro e fora da colméia. Morrem muitas abelhas de parte a parte. A guerrinha pode durar muitas horas e termina com a vitória das mais fortes. No dia seguinte, quando o apicultor encontra muitas abelhas mortas, dentro e fora da colméia, no chão, em toda a parte e uma caixa vazia, sem vida, as saqueadoras venceram a batalha e levaram todo o mel, é sinal que às invasoras foram mais fortes. Se a família residente, embora bastante reduzida, está ocupada na expulsão dos cadáveres e limpeza geral, é sinal que as invasoras foram repelidas. O apicultor deve sempre observar para não deixar as colméias fracas junto com as fortes.

Talvez o culpado de tudo isso seja o apicultor, ambicioso, que amontoa dezenas de colméias num mesmo lugar, muito perto umas das outras. Culpado porque não alimenta suas abelhas quando acontece pouca florada, como é neste verão, e não protege as famílias, fechando os alvados e reforçando-os com favos de cria e de mel das outras colméias que são forte. No apiário bem organizado, os casos de pilhagem são muito raros. Em plena natureza, onde sobram flores e faltam abelhas, o saque e a pilhagem de abelhas por abelhas é desconhecido. Não resta a menor dúvida que o homem é o maior culpado, quando se altera as leis da natureza, primeira pela ecologia, e segundo, por ganância ou ignorância.

* Pedro Kolas é secretário da Associação de Apicultores de Ijuí (A.A.I.)

PRIMEIRO INIMIGO DA SOJA: A FALTA DE CHUVA



A soja passou pela falta de chuva. Agora são as pragas e lagartas.

Não faltou rezas e novenas para chover. E o São Pedro até que ouviu as preces dos agricultores que estavam ficando preocupados com a falta de chuva para a soja, principalmente a partir do início de janeiro até o final do mês, que em muitas regiões não chovia a mais de 30 dias.

Mas no final de janeiro começaram a se prolongar a chuva, o que deu para aliviar as preocupações dos agricultores e recuperar o desenvolvimento da soja.

O Departamento Técnico da Cotrijui, assim que a falta de chuva passou ser um problema aos agricultores, iniciou um levantamento em todas as unidades para saber até que ponto foram os prejuízos. "Mas ainda não temos dados concretos sobre os prejuízos, esclareceu o diretor técnico, engenheiro agrônomo Nedy Rodrigues Borges. Isto porque o desenvolvimento da soja se apresenta em três fases diferentes: em desenvolvimento, em floração e em formação de vagem."

Mas uma coisa é certa: a soja que estavam na fase de floração e de formação de vagem foram as que receberam o maior prejuízo, pois são nessas duas fases que a soja mais necessita da chuva. Já a soja que estava em fase de desenvolvimento, nos primeiros meses, não teve tanta necessidade da chuva e por isso não recebeu os prejuízos com a falta de chuva, mas precisará para o início do mês de fevereiro.

Em todo o Rio Grande do Sul, as previsões são mais negativas. E os técnicos da Secretaria da Agricultura anunciaram uma redução de 100 quilos por hectare em termos de rendimento médio.

Nelson Irineu Korb, por exemplo, que mora na Vila Alto União em Ijuí, diz que não tem mais dúvida que vai ter um sério prejuízo em sua lavoura de soja.

— No ano passado plantei toda a minha soja no dia 5 de dezembro e nessa época a planta estava na minha cintura. Nesse ano, plantei tudo dia 25 de novembro e a soja ainda

(no final de janeiro) não chegou no meu joelho. Então o que posso esperar: é tufo mesmo".

OUTROS INIMIGOS

Depois da falta de chuva, outros inimigos estão agora rondando as lavouras de soja dos agricultores: são as pragas e lagartas. É a própria chuva, logo seguida do sol, que torna o terreno propício para o aparecimento desses inimigos. E o combate tem que ser feito com os defensivos, de preferência biológicos ou os de baixo poder tóxico.

Sobre a aplicação de defensivos, o agrônomo Nedy Borges tem também algo a dizer: "O agricultor deverá esperar um pouco quando aparecerem as primeiras pragas ou lagartas, para ver se há realmente necessidade da aplicação dos defensivos. Pode não precisar porque essas incidências as vezes desaparecem aos poucos. O que não se deve fazer é aplicar os defensivos em toda a lavoura, logo que aparecem os primeiros sinais".

A COTRIJUI, está recebendo a produção de feijão de associados nas modalidades de preços a Depósito ou Preço médio.



LUBRAX

MD-300

MD-400

QUALIDADE PETROBRAS

TIRE O MÁXIMO DE SUA ALFAFA

Saiba como produzir e a importância da alfafa dentro dos programas de diversificação da produção que as cooperativas, em particular a Cotrijui, vem desenvolvendo entre seus associados.

* Renato Borges de MEDEIROS

A alfafa que até alguns anos atrás era cultivada somente nos vales dos rios, passa agora a ocupar lugar de destaque nos solos vermelhos do Planalto. Este fato é de suma importância, pois coincide com os programas de diversificação que as cooperativas estão preconizando. A presença da alfafa nos futuros "Modelos Integrados de Produção" será altamente benéfica. Em primeiro lugar, pela produção de um alimento básico na formação das rações necessárias ao gado leiteiro e aos suínos. Em segundo lugar, como cultivo essencial as rotações culturais, hoje quase esquecida em nosso meio. Entretanto, para que os produtores obtenham o máximo de resultados com a alfafa devem realizar adubações anuais e um correto manejo de cortes.

A alfafa, assim como as demais plantas, à medida em que vai produzindo, vai determinando uma contínua redução na disponibilidade dos elementos fertilizantes do solo. Conforme resultados de pesquisa, um alfafal que produz 12,35 t/ha/ano de feno pode remover as quantidades nutrientes expressas na tabela (veja abaixo).

Como se observa, o nitrogênio (N) e o potássio (K) são os elementos utilizados em maiores quantidades. Em termos de adubos, as quantidades de nitrogênio (280,2 Kg/ha) e o potássio (280,2 kg/ha) removidos correspondem a uma reaplicação de 626,69 kg/ha e 470,01 kg/ha de Uréia e Cloreto de Potássio, respectivamente. No caso do nitrogênio, se o alfafal for eficientemente modulado com bactérias fixadoras de nitrogênio (*Rhizobium*), as necessidades das plantas em nitrogênio poderão ser atendidas dispensando as adubações nitrogenadas. A adubação com potássio, por apresentar pequena duração do solo, recomenda-se aplicar 200 e 250 Kg/ha de cloreto de potássio, em abril e setembro, respectivamente.

As adubações com fósforo podem ser anuais, aplicando-se a quantia de 160/kg/ha de Superfosfato simples ou 80 kg/ha de Superfosfato triplo. Em função da importância do enxofre para a alfafa, recomen-



da-se alternar anualmente, ou seja, um ano aplicar super fosfato simples e outro ano super fosfato triplo.

Em trabalho realizado com alfafa na Estação Experimental de São Gabriel, para produzir 9,16 t/ha de matéria seca, de setembro a março de 1969 (seis cortes) foram removidos do solo 24,7 Kg/ha de fósforo e 174 kg/ha de potássio.² Estes dados confirmam, em parte, os resultados apresentados na tabela anterior.

O cálcio (Ca) e o magnésio (mg), em nossas condições, não devem preocupar, porquanto ao realizarmos a correção da acidez com calcário dolomítico, eles são fornecidos em quantidades satisfatórias. As necessidades de enxofre podem ser atendidas aplicando-se o Superfosfato Simples que contém até 12% desse elemento. Com relação ao boro é recomendável uma aplicação anual de 40 kg/ha, sendo uma parte em abril (15 kg/ha) e a outra em setembro (20 kg/ha). Estas informações, no caso de alfafa utilizada para feno, são extremamente importantes, pois geralmente toda a parte aérea das plantas são removidas pelos cortes, não retornando nenhum resíduo para o solo.

A reposição equilibrada dos nutrientes essenciais ao desenvolvimento da alfafa não terá os efeitos desejados se ela não for seguida de um adequado manejo de cortes. Isto porque a produção e a longevidade das plantas depende também do momento e da frequência dos cortes.

A coroa da raiz (parte da raiz principal junto ao nível do solo) é o local onde são armazenadas as reservas (açúcares) que garantem o rebrote após os cortes ou, de um período de dormência (período em que as plantas paralisam o crescimento). Por isto, o conhecimento das tendências da disponibilidade de açúcares nas raízes da alfafa é essencial para o seu correto manejo de cortes. Isto porque após os cortes, além da energia consumida para os seus processos vegetativos normais, as reservas de açúcares das raízes também são utilizadas pela planta para realizar o rebrote.

Quando o novo crescimento inicia na primavera (em algumas regiões quentes

do Estado, áreas de alfafa Crioula bem adubadas tem produzido o ano todo) ou depois que as plantas, tenham sido cortadas, as reservas são utilizadas até que as plantas alcancem o crescimento máximo (estágio suculento). Após alcançar este estágio são formadas quantidades suficientes de açúcares pela fotossíntese, de tal sorte que as reservas das raízes começam a ser reestabelecidas.

O máximo de reservas de açúcares disponíveis nas raízes é alcançado quando as plantas atingem o estágio de completa floração. E coincidentemente, quando a alfafa é cortada neste estágio (completa floração), com as raízes apresentando um alto nível de reservas, ela consegue realizar o rebrote mais rápido. Neste caso a produtividade e a persistência das plantas são mais facilmente mantidas. Embora as plantas sejam beneficiadas pelo corte em plena floração, o feno que é produzido apresenta qualidade inferior em relação ao feno que é produzido quando o corte é realizado

em estágio anterior a completa floração. A pesquisa tem demonstrado que é possível realizar o corte com as plantas a 1/10 de floração sem prejudicar a persistência e a produtividade do alfafal.³ Neste estágio é possível colher além de uma alta quantidade de energia, também altas quantidades de proteína e minerais.

Embora a alfafa dependa basicamente das reservas de açúcares acumulados em suas raízes, ela poderá realizar um rebrote mais rápido e vigoroso se após o corte permanecer uma certa área foliar. Trabalhos realizados pelo Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agronomia da UFRGS, tem demonstrado que a permanência de uma resteva superior a 8 cm favorece substancialmente a velocidade do rebrote. Neste caso, com a permanência de uma área verde (tecido efetivo), menores quantidades de reservas são mobilizadas para a realização do rebrote. Além disto, realizando o corte a 8 cm acima do nível do solo, as gemas (na alfafa elas estão na base das plantas) responsáveis pelos sucessivos rebrotos são pouco ou quase nada danificadas.

BIBLIOGRAFIA

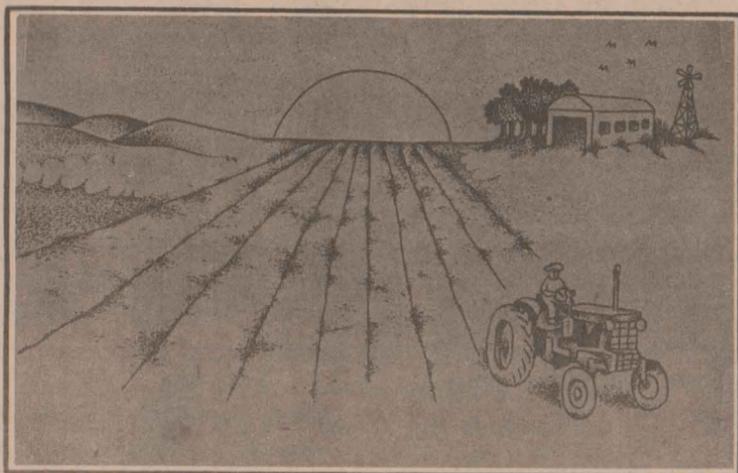
- 1 - MURPHY, W.M. & JOHNSON, M.J. The establishment and management of Alfafa in Central Oregon. Agricultural Experimental Station, Oregon State University Corvallis. Special Report - 456, mar. 1976.
- 2 - BOLETIM INFORMATIVO. Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório. Secretaria da Agricultura (1), mar. 1976.
- 3 - SMITH, D. Experiments with the potassium fertilization of alfafa for maximum production. Revista da Soc. Bras. de Zootecnia (1): 2.1974.

*Renato Borges de Medeiros é engenheiro agrônomo do Depto Técnico da Cotrijui.

Quantidade de nutrientes removidos por 12,35 t/ha/ano de feno de alfafa

Elementos Removidos kg/ha	N	P	K	Ca	Mg	S
	280,2	28,2	280,2	196,2	32,2	28,0

Livro CULTURA DOS CAMPOS



Político, estadista, diplomata e agricultor. Não poderia haver mais bela associação de títulos para tornar o nome de Joaquim Francisco de Assis Brasil, um gaúcho nascido em São Gabriel (1857-1938), que se revelou como das mais lúcidas vozes pela defesa de uma política racional para nossos campos, batendo-se também pela adoção de uma tecnologia em prol da agro-pecuária nacional. Apesar de ter vivido parte de sua vida fora do país, em função de sua carreira diplomática, dedicou grande atenção à Pátria e sentiu como nenhum outro de seu tempo os problemas atinentes, tendo demonstrado excepcional senso de liderança empresarial e tino político-administrativo.

Animado de sadio otimismo patriótico, foi um publicista político de imaginação fértil e verbo esplendoroso, no que pode ser observado nas várias obras que delegou à posteridade.

Uma delas — talvez a de maior fôlego — vem de

ser reeditada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, com a colaboração da Caixa Econômica Estadual. Trata-se de "Cultura dos Campos", cujas edições anteriores foram feitas em Portugal. Em feliz oportunidade reeditado, "A Cultura dos Campos" é um valioso compêndio de idéias, sugestões e experiências pessoais do ilustrado autor, que vem a lume numa época em que a agricultura e a pecuária representam tanto para o nosso País em termos de economia, de produção.

Em edição brochura, 274 páginas, com índice alfabético para catálogo sistemático, dedica-se a ser lido (ou relido) por todos quantos tenham interesse pelas coisas do campo e da lavoura. Texto direto e atraente, fácil assimilação e impressionante atualidade (apesar de escrito em 1897), "Cultura dos Campos" quase chega a se constituir em um hino de amor à terra e as coisas relacionadas com o Rio Grande interiorano de todos os tempos.

UM CURSO DE ANÁLISE TRANSACIONAL



Egidio Vecchio e os participantes do curso.

Um curso de análise transacional foi realizado para 22 funcionários da Cotrijui, entre educadores, agrônomos, gerentes de unidades e técnicos, na segunda quinzena de janeiro na Fonte Ijuí.

Dirigido pelo Dr. Egidio Vecchio, diretor do Instituto Eric Berne de Análise Transacional em Porto Alegre e no Rio de Janeiro e autor de seis li-

vros, o curso contou com a coordenação da psicóloga Vera Lúcia de Abreu Berbigier e do responsável pelo Departamento de Recursos Humanos da Cotrijui, José Freitas de Oliveira.

A Análise transacional, como explicou o Dr. Egidio durante o curso, possibilita a cada pessoa aprender a ouvir o outro; saber detectar o Estado do Ego (parte da personalidade) que outra pessoa utili-

za; perguntar-me que Estado do Ego (meu) o outro está querendo fisgar; e responder só com Estados do Ego que não produzam conflitos na transação (relação com outras pessoas).

O curso despertou interesse de todos os participantes que estão dispostos a exercitar, entre eles, os conhecimentos da análise transacional.

COOPERATIVISMO CENTRALIZADO

A Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (OCERGS), juntamente com as Federações, Centrais e Cooperativas, está elaborando um projeto de educação cooperativista para todo o Estado.

Este projeto, tão logo

concluído, será encaminhado para apreciação das filiadas à OCERGS. Sua votação está prevista para a próxima Assembleia Geral da Organização e, uma vez aprovado, deverá ser aos poucos implantado.

Está integrado ao projeto, entre outros as-

suntos, uma proposta que através da OCERGS seja instituída uma coordenação central para todo o trabalho educativo voltado ao cooperativismo, estabelecendo-se normas e procedimentos homogêneos para todas as cooperativas gaúchas.

REVISÃO DE CADASTRO DE IMÓVEIS RURAIS

Neste ano de 1978 — durante os meses de fevereiro, março, abril e maio — se procederá a revisão do cadastro de imóveis rurais, para atualização dos dados levantados quando do último censo, no ano de 1972. Visando uma coleta de dados identifica com a realidade do homem do campo, o INCRA confiou esse recadastramento aos sindicatos de trabalhadores rurais e às cooperativas de produtores.

COMO PROCEDER

O proprietário rural, arrendatário ou parceiro, deverá comparecer junto à

Unidade Municipal de Cadastro (INCRA) de seu município, para apanhar o manual e formulários. Para o preenchimento, o agricultor contará com uma equipe especialmente treinada, junto ao sindicato do qual faz parte ou mesmo na cooperativa da qual é associado. No caso de Ijuí, o STR e a COTRIJUI farão esse trabalho conjuntamente, na sede do sindicato. Então, de posse dos formulários, os agricultores devem se encaminhar ao sindicato, levando consigo os seguintes documentos: de identidade, escritura ou matrícula da terra, C.P.F., título de posse da terra ou outro documento que comprove (se pos-

seiro), contrato de arrendamento quando for o caso, talão do INCRA e a Cédula "G" do ano anterior para que os que tiverem que prestar este tipo de declaração.

Aos proprietários ou detentores de imóveis rurais, serão feitas perguntas sobre a produção do imóvel em 1977: quantidade de adubo aplicada; dados sobre a comercialização das safras, valor total do crédito. Assim, ao se encaminhar para o sindicato será interessante ter estes dados, bem como uma cópia do contrato de financiamento.

Para os que tiveram rendimentos de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) ou

mais em 1977, será necessário apresentar o anexo 4 — Cédula "G". Para estes, o prazo de entrega dos formulários expira no dia 15 de março de 1978. Para os demais, isentos da cédula "G", a entrega poderá se dar até 31 de maio. Tendo em vista estes prazos, as equipes dos sindicatos darão prioridade para preenchimento de formulários, aos agricultores que tenham que declarar a cédula "G".

Para qualquer informação, os interessados devem procurar as Unidades Municipais de Cadastro ou então os sindicatos a que são filiados.

Televisão

A FÁBRICA DE FALSOS MITOS

A televisão já está em muitas casas do meio rural. Assim, o agricultor fica, a cada dia, diante de uma realidade completamente diferente da sua. Nos centros urbanos a televisão é hoje uma verdadeira máquina de fazer loucos. E no meio rural? Já não estaria também influenciando para o êxodo rural, com a busca dos "sonhos" de uma grande cidade?

Até alguns anos atrás, olhávamos admirados quando ouvíamos as mirabolantes histórias sobre a fabricação de mitos pelos meios de comunicação. Hoje, o fenômeno invade com grande força os meios de comunicação de nosso país, principalmente a televisão.

Nunca se viu tantos cantores, que não sabem cantar e atores, que não sabem representar, subirem vertiginosamente os índi-



ces de preferência popular e, escudados em uma muito bem preparada máquina promocional, transformar-se num curto espaço de tempo em verdadeiros mitos.

As revistas especiali-

zadas estampam a cada semana uma carinha bonita que, segundo a chamada que normalmente as acompanha, é a maior revelação da televisão brasileira. Ou as paradas de sucessos que de uma hora para outra fa-

bricam um tímido principiante, de letras inseguras e linha melódica indefinida, na grande promessa da música popular brasileira.

Felizmente, passado o primeiro impacto, o público como que intuitivamente sabe separar o joio do trigo. O verdadeiro talento da promoção mentirosa, a arte da mera técnica.

E, aí, as decepções são muitas e chega finalmente a hora da carruagem se transformar em abóbora. Os carros de luxo, as casas grandes e iluminadas, as multidões a aplaudir, são trocados pelo pesado silêncio do ostracismo e pela modesta casinha do subúrbio — quem sabe o ponto de partida deste que foi um sonho, ou melhor um pesadelo.

Poucos são aqueles que passando pela fama e pela glória de mitos fabricados conseguem reservar algo de tudo aquilo que viram, ouviram e sentiram, para si.

Mas a máquina não

pode parar. Tem uma incrível sede de rostinhos bonitos e rapazes vistosos e uma total inapetência para o talento. O talento representa perspectivas de lucros menores, seguros, mas a longo prazo, e a máquina quer conseguir o maior lucro, no menor tempo.

Portanto, atenção rapazes e moças que estão dispostos a submeterem-se a noites mal dormidas, horas intermináveis de ensaios para disfarçar a mediocridade, apertões, viagens, luzes, poeira e concessões de toda a espécie: candidatem-se às vagas de mitos do próximo ano. Se bem sucedidos conseguirão se sustentar por alguns meses e gerar um astronômico lucro a seus promotores, se não deverão desocupar logo as cadeiras para a nova safra.

Chegou a hora de dizer parafraseando o saudoso Noel: E o povo já pergunta com maldade onde está a honestidade? (Palmiro da Silva — PLANALTO).

AGRICULTORES EXIGEM REUNIÃO



Foi no último dia 21 de janeiro. Um grupo de agricultores norte-americanos invadiu o Departamento de Agricultura e forçou um encontro com o secretário Bob Bergland.

Mas antes, cerca de

1.500 agricultores, com uns 20 tratores, participaram de uma passeata até o Departamento, quando o grupo de manifestantes conseguiu penetrar nas dependências do órgão.

O presidente Jimmy Carter, assim que ficou sabendo do protesto disse: "O que é melhor para os agricultores, é também o melhor para os consumidores de nosso país".



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

As coisas acontecem. Com ou sem seguro. Mas com seguro, elas são mais suportáveis.

A COTRIEXPORT — Corretora de Seguros Ltda. presta assistência técnica em seguros para os associados e amigos da COTRIJUI. Controla inclusive o vencimento das apólices. Você opta pela seguradora de sua preferência e a COTRIEXPORT cuida de tudo.

Em Ijuí, junto ao Departamento de Assistência Social da COTRIJUI.

A LAVOURA NO MÊS

As informações contidas em "A lavoura no mês" são dos agrônomos e técnicos dos diferentes setores do Departamento Técnico da Cotrijuí. Com isso se objetiva dar ao agricultor uma visão geral de como estão os plantios da região. Mas um lembrete: em caso de qualquer dúvida, principalmente na aplicação de produtos químicos, informe-se no Departamento Técnico da Cotrijuí.

SOJA



Em fevereiro, de uma maneira geral, a soja na região da Cotrijuí está na fase de floração e formação de vagem. É nesse período que poderá ocorrer, mais acentuadamente, os percevejos (fede-fede). Também pode continuar o aparecimento da lagarta da folha e a broca das axilas, que penetram nos ramos jovens e provocam a queda das folhas e podem influenciar no rendimento da vagem.

Recomenda-se aplicar na soja, para evitar os percevejos, as lagartas e as pragas, os defensivos, de preferência os biológicos ou os defensivos de baixo teor tóxico. E demais é esperar que venha a chuva.

MILHO



As lavouras de milho (cedo) estão em fase de formação de espigas. Estas lavouras foram prejudicadas pela seca e não estão tendo um rendimento ideal e outras simplesmente murcharam e morreram. Nessa fase podem ocorrer as lagartas e brocas que devem ser evitadas com a aplicação de defensivos.

Já as lavouras de mi-

lho (tarde) estão em fase de crescimento e também estão sentindo a falta de chuva, que com certeza influenciará no rendimento da planta. Nessa lavoura é mais certo o aparecimento da lagarta do cartucho e da folha que deverá ser combatida também pelos defensivos.

FEIJÃO



Está em pleno crescimento a lavoura de safriinha ou do tarde, onde pode haver grande ocorrência de inços. Portanto recomenda-se especial cuidado na limpeza destas lavouras, pois as invasoras concorrem muito com o feijoeiro, podendo reduzir muito a sua produtividade. O controle de pragas pode afetar drasticamente a produção. Recomenda-se o uso de inseticidas sistêmicos, com aplicações periódicas.

O controle de moléstias deve ser realizado de acordo com a condição climática e sempre orientado pelo Departamento Técnico, que analisará a conveniência econômica da realização desta prática.

TOMATE



O tomateiro, em consequência da alta temperatura predominante neste período, apresenta algumas dificuldades para o seu desenvolvimento. É necessária a irrigação constante de preferência por infiltração (canais) e aplicação periódica de fungicidas para controle de moléstias. O uso de inseticidas sistêmicos, de rápida degradação, deve ser mantido para controle de insetos sugadores que transmitem visores e prejudicam seriamente as plantações.

ALFACE



A alface como planta de adaptação, em qualquer época do ano, pode em consequência ser também semeada neste período, desde que haja disponibilidade de equipamento de irrigação para utilização diária.

Recomenda-se as variedades: AURELIA, BRASIL 48, KÖGRANES e MARAVILHA DE VERÃO, que apresentam condições de desenvolvimento neste período.

CENOURA

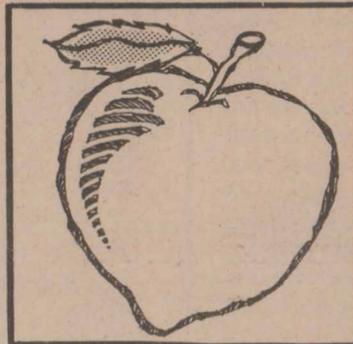


O cultivo de cenoura encontra condições favoráveis neste período, desde

que o solo esteja bem preparado, com bom conteúdo de matéria orgânica e profundidade suficiente ao bom desenvolvimento das raízes.

As variedades do grupo WANTES podem ser cultivadas, pois com a diminuição da temperatura média estas variedades encontram boa condição de produção.

ROSÁCEAS



Para a maior parte destas culturas a safra já

encerrou ou está em fase final. É chegada a hora de começar a preparação da próxima produção. Para tanto é necessário impedir que as plantas percam as folhas prematuramente. Estas devem permanecer protegidas, mediante tratamentos, do ataque de pragas e moléstias, pois sua função neste período é a de acumular reservas para a produção vindoura.

CITRUS

Período favorável para tratamentos fitossanitários, já que praticamente não existem frutas maduras, nem em maturação.

Para controlar os pulgões pode-se usar os inseticidas sistêmicos. Se houver muita fumagina sobre as folhas, adicionar um fungicida cíprico.

Use Adubos Trevo.
Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.
Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



SANTIAGO E O VELHO MACANUDO TAURINO



Santiago

Arquivo C.J.G.J

Muitos leitores da Revista Agricultura e Cooperativismo (1) começam a leitura logo pela última página. Pois é lá que se encontra, numa página inteira, o velho Macanudo Taurino – um gaúcho na moda antiga, sempre às voltas com os modernismos, as europas, o rock, os motoqueiros e todas as invenções.

O criador do velho Macanudo Taurino é mais conhecido por Santiago, mas o seu verdadeiro nome é Neltair Rebés Abreu.

Certo dia, ainda piá, Santiago resolveu deixar a sua pequena e pacata cidade, Santiago do Boqueirão (daí veio seu apelido), para vir a Porto Alegre, onde agora trabalha no Jornal Folha da Tarde.

Hoje, com 27 anos, Santiago é considerado um dos melhores charchistas e desenhistas do País e já recebeu diversos prêmios.

Sobre como nasceu e quem é o velho Macanudo Taurino, o próprio Santiago explicou numa entrevista para a Revista Agricultura e Cooperativismo:

“Bueno, eu fazia desenhos onde apareciam gaúchos e sempre tinha um xiruzão grosso, quieto, observando as coisas, de radinho de pilha no ouvido, que aparecia. A primeira vez que ele apareceu foi no ano passado, logo que eu comecei a trabalhar na Folha da Tarde. Era um cartum sobre a Borregard que andava fedendo muito outra vez.

Enquanto um personagem comentava a situação, um outro num banco, com o radinho de pilha, observava. Já era o velho Macanudo, mas ainda não tinha um nome.

Quando surgiu a Revista Agricultura e Cooperativismo eu fui obrigado a definir o personagem, dar um nome pra ele. Eu conhecia muitos xirus chamados Taurino lá minha terra, Santiago do Boqueirão. Uma porção de gente se chamava Taurino. Mas tinha um velho chamado Taurino Machado muito especial, contador de causos, mentiroso. Acho que foi daí que surgiu o nome. Tenho uma lista de nomes, que eu chamo de banco de nomes, onde tem Libório, Polcério, Lautério, nomes assim que um dia vou usar em personagens gaúchos.

Agora, se o Taurino tivesse que ter um sobrenome pra cartório, ia ser Taurino Fagunde. Fagunde assim como pessoal diz.

Ele é Macanudo Taurino mas o macanudo quer dizer um sujeito corajoso, bom, é mais um adjetivo que um nome.

O Taurino é um sujeito de meia idade, tem uns 45 anos. É um pequeno pecuarista, tem meia dúzia de vacas. Homem bonachão, leva boa vida mas reage, muitas vezes meio brabo, contra a aculturação. Contra a perda de sua cultura. Por isso ele apareceu numa revista laçando um motoqueiro, às vezes fica furioso contra o rock. Não que o rock não tenha os seus bons valores, mas o que embrabece o Taurino é a dominação cultural.

Tem tanto rock espalhado por aí, tomando conta das rádios, dos bailes, que o Taurino se revolta porque não fica lugar pras nossas coisas, pras coisas do Rio Grande do Sul.

Essa a minha principal preocupação crítica como autor. E o Taurino concorda comigo, é claro (...)

1) A Revista Agricultura e Cooperativismo é editada pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e sua assinatura pode ser feita no balcão principal da Cotrijui.

O MACANUDO TAURINO ÀS VOLTAS COM O MOTOQUEIRO

